

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

As gramáticas do antipetismo: uma tipologia do partidarismo negativo brasileiro

Mariana Chaise

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16012>

Submetido em: 2026-05-01

Postado em: 2026-06-03 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- Rachel Meneguello (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8288-0280>)

ARTIGO

As gramáticas do antipetismo: uma tipologia do partidarismo negativo brasileiro¹

Mariana Falcão Chaise

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3706-0085>

Departamento de Ciência Política (DCP)
Centro de Estudos de Opinião Pública (Cesop)
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Email: mchaise@unicamp.br

Resumo: O partidarismo negativo tem sido tratado pela literatura contemporânea como uma atitude contínua de rejeição a um partido político – análoga, em sua estrutura, à identificação partidária positiva. Este artigo propõe uma inflexão nessa abordagem ao concebê-lo como uma *categoria agregadora*: um mecanismo que reúne indivíduos em torno da rejeição a uma mesma sigla, mas a partir de gramáticas afetivas, morais e políticas profundamente distintas. Tomando o Brasil como caso, a pesquisa investiga a diversidade interna do antipetismo com base em um desenho multimétodos integrativo, que combina análise de conglomerados e grupos focais conduzidos em todas as regiões do país. Os resultados indicam a existência de quatro gramáticas principais de rejeição ao PT: uma partidarizada, ancorada em vínculos positivos com partidos políticos; uma moral, estruturada por valores e concepções normativas; uma econômica, orientada por critérios instrumentais de avaliação política; e uma forma de desengajamento crítico, marcada pelo distanciamento em relação à política institucional. Em conjunto, esses achados sugerem que o partidarismo negativo pode operar como um mecanismo eficaz de coordenação eleitoral sem produzir coesão substantiva entre os indivíduos que o mobilizam, evidenciando seus limites como princípio organizador da ação política.

Palavras-chave: antipetismo; partidarismo negativo; comportamento eleitoral; afetos políticos; pesquisa multimétodos.

The grammars of anti-PT sentiment: a typology of Brazilian negative partisanship

Abstract: Negative partisanship has been treated in contemporary literature as a continuous attitude of rejection toward a political party—analogous, in its structure, to positive party identification. This article proposes a shift in this approach by conceiving it as an aggregative category: a mechanism that brings individuals together around the rejection of the same party label, but based on deeply distinct affective, moral, and political grammars. Taking Brazil as a case study, the research investigates the internal diversity of anti-PT sentiment using an integrative multimethod design that combines cluster analysis and focus groups conducted across all regions of the country. The results

¹ Essa pesquisa recebeu financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), sob o processo nº 2023/15098-8, e foi aprovada pelo Comitê de Ética da Unicamp (CAAE 85187724.8.0000.8142). A autora registra um agradecimento muito especial à professora Rachel Meneguello, pelo acompanhamento generoso, pela leitura sempre atenta e pelo apoio constante ao longo de todo o desenvolvimento deste trabalho.

indicate the existence of four main grammars of rejection toward the PT: a partisan one, anchored in positive ties to political parties; a moral one, structured by values and normative conceptions; an economic one, guided by instrumental criteria of political evaluation; and a form of critical disengagement, marked by distance from institutional politics. Taken together, these findings suggest that negative partisanship can operate as an effective mechanism of electoral coordination without producing substantive cohesion among the individuals who mobilize it, highlighting its limits as an organizing principle of political action.

Key words: Antipetism; Negative partisanship; Electoral behavior; Political affects; Multimethods research.

Las gramáticas del antipetismo: una tipología del partidismo negativo brasileño

Resumen: El partidismo negativo ha sido tratado por la literatura contemporánea como una actitud continua de rechazo hacia un partido político—análoga, en su estructura, a la identificación partidaria positiva. Este artículo propone un giro en este enfoque al concebirlo como una categoría agregadora: un mecanismo que reúne a individuos en torno al rechazo de una misma sigla, pero a partir de gramáticas afectivas, morales y políticas profundamente distintas. Tomando a Brasil como caso, la investigación examina la diversidad interna del antipetismo con base en un diseño multimétodos integrador, que combina análisis de conglomerados y grupos focales realizados en todas las regiones del país. Los resultados indican la existencia de cuatro gramáticas principales de rechazo al PT: una partidizada, anclada en vínculos positivos con partidos políticos; una moral, estructurada por valores y concepciones normativas; una económica, orientada por criterios instrumentales de evaluación política; y una forma de desencanche crítico, marcada por el distanciamiento respecto de la política institucional. En conjunto, estos hallazgos sugieren que el partidismo negativo puede operar como un mecanismo eficaz de coordinación electoral sin producir cohesión sustantiva entre los individuos que lo movilizan, evidenciando sus límites como principio organizador de la acción política.

Palabras clave: Antipetismo; Partidarismo negativo; Comportamiento electoral; Afectos políticos; Investigación multimétodos.

Como se forma um vínculo político? Carina² tem trinta e oito anos. Quando Luiz Inácio Lula da Silva venceu sua primeira eleição presidencial, ela tinha apenas quinze. Foi a única vez em que um candidato presidencial do Partido dos Trabalhadores (PT) se saiu vitorioso no Mato Grosso, seu estado natal. Seu pai era petista “há muitos anos”. Recordar-se de ouvi-lo dizer que, no princípio, o partido era “maravilhoso”, que “estava no rumo *correto*”. Hoje, conta, “se você falar de PT perto dele, ele se revolta” (Grupo Focal 03: Antipetistas Partidarizados, 51’07”).

² Os nomes aqui utilizados são fictícios. As transcrições, ademais, foram levemente editadas para conferir maior fluidez e legibilidade às falas.

Mulher parda e evangélica, Carina descreve sua trajetória política como uma herança atravessada pela decepção. Tirou seu título de eleitora apenas após o desencanto paterno com o partido de Lula e jamais votou em qualquer candidata ou candidato da sigla. Embora afirme não possuir uma identificação partidária estável, declara-se – hoje – simpática ao Partido Liberal (PL), pois seus integrantes “têm o mesmo raciocínio que o nosso sobre o PT” (Ibid, 01’06). Essa simpatia, no entanto, como ela própria enfatiza, é *estratégica* (Huddy; Bankert; Davies, 2018): “Temos de focar em um só. Temos de focar em um só para seguir” (ibid, 01’07). A trajetória de Carina não é uma história de adesão partidária ou de formação de vínculos positivos baseados no compartilhamento de valores e crenças com líderes e partidos, nem na avaliação retrospectiva de agendas públicas. Antes, pode ser compreendida como um exemplo de como mágoas, frustrações e outras “paixões tristes” (cf. Dubet, 2019) podem estruturar formas específicas de pertencimento político-social, organizando narrativas políticas e assim induzindo estratégias eleitorais.

Desde as eleições de 2018, acumulam-se interpretações que atribuem o sucesso do candidato antagonista ao polo petista ao crescimento da rejeição ao partido.³ Em paralelo, a literatura internacional tem documentado de forma consistente que partidos políticos longevos e com bases sociais consolidadas vêm enfrentando, em distintos contextos democráticos, crises de legitimidade, as quais associadas a suspeitas quanto a sua capacidade representativa e acompanhadas do enfraquecimento de suas bases de apoio (Iyengar; Krupenkin, 2018; Mair, 2013). Documenta-se, ainda, a emergência de um padrão eleitoral no qual eleitoras e eleitores cada vez mais votam *contra* as formações partidárias que rejeitam, em vez de votar *a favor* daquelas com as quais efetivamente simpatizam (Abramowitz; Webster, 2018).

As análises específicas sobre o que se convencionou chamar de *partidarismo negativo* (cf. Bankert, 2020) têm demonstrado que a rejeição a partidos políticos pode constituir uma orientação política relativamente autônoma em relação às identificações partidárias tradicionais, de natureza afirmativa. Estudos indicam que mesmo eleitoras e eleitores frouxamente identificados com siglas partidárias podem nutrir antipatia consistente em relação ao partido percebido como rival (Abramowitz; Webster, 2018; Iyengar et al., 2019). Em contextos multipartidários, evidências sugerem ainda que esse padrão pode emergir inclusive na ausência de vínculos positivos com qualquer sigla (Caruana; McGregor; Stephenson, 2015). O caso brasileiro é particularmente relevante:

³ Segundo Chaise (2024), a tese que atribua a vitória de Bolsonaro ao chamado antipetismo correspondeu a nada menos que 25% de todas as análises que buscaram prover uma explicação causal à sua ascensão.

em um sistema político frequentemente descrito como avesso aos chamados “corpos intermediários”, o PT consolidou-se como a única legenda no contexto da Nova República capaz de construir vínculos duradouros com parcelas significativas do eleitorado. Hoje, ocuparia uma posição singular no sistema político ao organizar um tipo de clivagem eleitoral que agrupa seus apoiadores, de um lado, e seus detratores, de outro (Samuels; Zucco, 2018).

A hostilidade ao partido rival tem sido tratada na literatura como uma dimensão contínua – mais ou menos intensa –, tanto devido à sua aproximação teórica à ideia de “identidade política” quanto à forma como é operacionalizada empiricamente. Essa abordagem, contudo, obscurece a possibilidade de que rejeições direcionadas a uma mesma sigla possam repousar sobre gramáticas interpretativas significativamente distintas. Em outras palavras, eleitoras e eleitores que expressam níveis semelhantes de hostilidade a um mesmo partido político podem mobilizar repertórios afetivos, morais, políticos e ideológicos radicalmente diferentes, de modo que tal hostilidade produz efeitos comportamentais que, se por vezes convergem, em outras ocasiões podem afastar-se. A interpretação tradicional do fenômeno, portanto, carrega implicações relevantes para as análises que buscam inferir consistência eleitoral a partir do partidarismo negativo.

Propõe-se, assim, que a hostilidade que leva Carina a votar em quem considera o mais apto a derrotar, nas urnas, o partido que rejeita não deve ser compreendida como uma identidade política homogênea, conforme vem sendo sugerido pela literatura especializada, mas como uma *categoria agregadora*: capaz de articular ressentimentos, frustrações e avaliações políticas divergentes sob uma mesma fronteira simbólica, sem pressupor identidade de propósitos entre aqueles que dela participam. Perder de vista essa heterogeneidade interna do partidarismo negativo torna-nos míopes tanto em relação às causas substantivas do fenômeno quanto às suas possíveis implicações no plano político e eleitoral.

Ao deslocar o foco da extensão ou da intensidade da rejeição para a sua diversidade interna, este artigo investiga como esses afetos se organizam em um caso paradigmático: o antipetismo brasileiro. Para tanto, reconstrói empiricamente as diferentes gramáticas de rejeição ao PT e os perfis políticos que delas emergem, buscando não sua *convergência*, mas sua *dispersão*. O desenho de pesquisa adota uma estratégia multimétodos integrativa e sequencial (Seawright, 2016), na qual uma primeira etapa de natureza quantitativa, baseada em análise de conglomerados (ou análise de *clusters*), foi utilizada para identificar padrões e perfis distintos de rejeição ao PT. Em seguida, uma

segunda etapa, de natureza qualitativa e baseada em grupos focais organizados em todas as regiões do Brasil com indivíduos pertencentes aos perfis anteriormente identificados, permitiu reconstruir os distintos traços mobilizadores e, em especial, as distintas gramáticas políticas de rejeição ao partido.

A pesquisa identificou quatro perfis distintos de antipetistas, considerado o ciclo eleitoral mais recente (2022-2026). O primeiro corresponde ao perfil representado por Carina, já descrito pela literatura clássica sobre partidatismo afetivo (Campbell et al., 1960; Green; Palmquist; Schickler, 2002): indivíduos que se sentem, de algum modo, representados por um partido político opositor. Esse perfil, o mais estruturado em termos ideológicos dentre os quatro, combina, portanto, uma identificação política positiva com forte rejeição ao adversário partidário.

Os três perfis restantes, por sua vez, reúnem indivíduos que não estabelecem vínculos consistentes com partidos ou lideranças políticas. Nesses casos, a rejeição ao PT emerge a partir de distintos sistemas de crença, independentemente da relação estabelecida com outras siglas. Empiricamente, essas orientações se organizam, no Brasil, em três gramáticas principais de rejeição – moral, econômica e sistêmica – as quais, embora convergentes na hostilidade ao PT, repousam sobre diagnósticos distintos sobre a política brasileira e sobre o papel do PT no cenário políticos nacional. O que melhor caracteriza cada um desses perfis, portanto, não é a intensidade global dos afetos negativos dirigidos ao partido, mas a forma como esses afetos são organizados e articulados.

A próxima seção articula o referencial teórico da pesquisa e delinea os procedimentos metodológicos adotados. Na sequência, detalha-se o perfil de antipetista mais consagrado pela literatura – aquele caracterizado por sua organização em torno de um partido opositor – para, então, explorar as outras gramáticas do antipetismo brasileiro. Ao final, o artigo argumenta que a força do antipetismo reside justamente em sua vacuidade substantiva — o que o torna flexível e, paradoxalmente, eficaz.

Antipetismo: o partidatismo negativo brasileiro

Pesquisas contemporâneas vêm documentando uma escalada global dos afetos negativos dirigidos aos partidos (Iyengar; Krupenkin, 2018). Nesse contexto, as siglas partidárias oferecem um espaço analítico privilegiado para compreendermos a economia afetiva da política contemporânea (Cf. Ahmed, 2004), na medida em que passaram a

funcionar como alvos catárticos do mal-estar democrático (Rosanvallon, 2014). Para essas legendas convergem frustrações com o desempenho governamental, a desconfiança em relação às elites políticas e a percepção de distanciamento entre representantes e representados. É precisamente nesse cenário de rejeição canalizada que se insere o fenômeno que a literatura recente tem denominado *partidarismo negativo*: a tendência de eleitoras e eleitores organizarem suas preferências políticas menos em torno da identificação com partidos específicos do que ao redor da rejeição a partidos rivais (Abramowitz & Webster, 2018; Bankert, 2020).

No Brasil, desde 2014, os dados do Estudo Eleitoral Brasileiro (Eseb) permitem detectar um fenômeno até então pouco explorado pela literatura nacional: no ano em que Dilma Rousseff (PT) foi reeleita presidenta da República, o contingente de indivíduos que afirmavam não gostar do PT (21%) superava o contingente daqueles que simpatizavam com o partido (17%) (Samuels; Zucco, 2018). À época, esforços para sua compreensão careciam de amparo na literatura internacional. É verdade que, desde os primeiros estudos sobre identificação partidária, já se reconhecia a existência de um “antipartidarismo” difuso – categoria esta de difícil apreensão (Anderson, 1976), inicialmente definida como a oposição de eleitoras e eleitores partidarizados aos partidos percebidos como adversários (Campbell et al., 1960). Contudo, esse conceito precursor raramente avançava na investigação de suas consequências eleitorais ou de seus condicionantes sociais. Além disso, em contextos multipartidários, sua operacionalização empírica permaneceu particularmente limitada (Garry, 2007). É precisamente para suprir essas lacunas – incorporando as consequências comportamentais da rejeição – que a literatura mais recente cunhou o conceito de partidarismo negativo, retomado aqui como chave analítica para o caso brasileiro a partir da incorporação de sua dimensão afetiva.

Se é vasta e diversificada a literatura sobre o sucesso no estabelecimento do petismo, o chamado antipetismo apenas recentemente passou a ser investigado de forma sistemática, concentrando-se esses esforços, de modo geral, em duas ondas principais. A primeira dedicou-se a traçar o perfil socioeconômico das eleitoras e dos eleitores que avaliavam negativamente o PT (Paiva; Krause; Lameirão, 2016; Ribeiro; Carreirão; Borba, 2016). Já a segunda, impulsionada pelo contexto pós-2018, buscou explicar as causas subjacentes à rejeição ao partido que perdera a presidência da República após quatro vitórias consecutivas. Nessa segunda leva de estudos, ampliou-se o escopo analítico, interpretando-se o antipetismo ora como: (a) subproduto da competição eleitoral (Braga; Zolnerkevic, 2020); (b) manifestação de oposição ideológica (Setzler,

2020); (c) reação a políticas públicas específicas implementadas pelo PT (Valente; Borba, 2023); (d) resposta ao comportamento do partido quando no exercício do Executivo Federal (Moura; Corbellini, 2019); inclusive, (e) sintoma de um desencanto generalizado com a política (Fuks; Ribeiro; Borba, 2020).

A despeito dessa diversidade interpretativa, os estudos de ambas as ondas têm se apoiado em um mesmo tipo de operacionalização empírica: as escalas de avaliação afetiva dos partidos, em específico, o termômetro de simpatia partidária utilizado pelo Eseb. Nessa abordagem, o antipetismo é definido pela intensidade da rejeição declarada ao PT – sendo tratado, portanto, como uma atitude contínua e graduável. Embora esse procedimento tenha permitido mapear com alguma precisão a extensão e a evolução do fenômeno no eleitorado, também tendeu à homogeneização do objeto analítico. Como consequência, diferentes formas de rejeição ao petismo, ancoradas em diagnósticos potencialmente distintos sobre o funcionamento do sistema político, sobre o papel do Estado ou a estrutura da sociedade, foram tratadas como manifestações equivalentes. Assim, apesar da produção crescente, a literatura permanece marcada por uma tensão entre diversidade interpretativa e homogeneidade metodológica.

Este artigo parte da proposta de que o partidarismo negativo não deve ser compreendido como uma atitude mais ou menos intensa de rejeição a um partido político, mas como um fenômeno internamente diferenciado, estruturado por distintas gramáticas interpretativas: enfim, como uma *categoria agregadora*. Desvelar heterogeneidades exigiu um desenho de pesquisa capaz de escavar a superfície do dado declaratório. Para tanto, o estudo ancorou-se em uma abordagem multimétodos integrativa (Seawright, 2016), cujo princípio fundamental reside justamente na premissa de que distintos regimes de evidência (do padrão estatístico à fala espontânea) não apenas se complementam, mas iluminam camadas distintas de um mesmo fenômeno social.

Assim, em uma primeira etapa quantitativa e exploratória, os dados da rodada de 2022 do Eseb foram submetidos a uma análise de conglomerados com o propósito de construir tipologias teoricamente orientadas de eleitoras e eleitores antipetistas. O objetivo, aqui, não era testar hipóteses fechadas, mas permitir que os dados sugerissem os contornos internos do antipetismo. Já na segunda etapa, de natureza qualitativa, foram conduzidos grupos focais em todas as regiões do país, buscando apreender se os indivíduos alocados em um mesmo agrupamento estatístico partilhavam, de fato, uma gramática comum de rejeição e se reconheciam mutuamente em suas motivações.

O universo de análise da etapa quantitativa foi composto exclusivamente por indivíduos que declararam rejeição consistente ao PT: isto é, aqueles que atribuíram notas entre 0 e 3 ao partido no termômetro de simpatia partidária, exatamente conforme os estudos citados, mas que não rejeitavam simultaneamente todas as demais legendas.⁴ Para a análise de conglomerados, as variáveis incluídas combinaram dimensões sociodemográficas (sexo, escolaridade, religião, renda familiar per capita), atitudinais (apoio à democracia, percepção de eficácia do voto, autolocalização ideológica) e políticas (identificação partidária, avaliação do governo, voto nas eleições de 2018 e de 2022).

Para construir uma tipologia capaz de captar as clivagens internas do antipetismo sem impor fronteiras artificiais aos dados, empregou-se um conjunto de técnicas estatísticas adequado ao tratamento simultâneo de diferentes tipos de variáveis.⁵ A matriz de proximidades assim obtida foi submetida a um algoritmo de agrupamento robusto a valores extremos: procedimento particularmente relevante em pesquisas de opinião, nas quais as respostas tendem a ser desbalanceadas.⁶ Enfim, a combinação de dois critérios técnicos, a silhueta e a soma de quadrados intra-conglomerado, indicou de forma consistente a existência de quatro perfis distintos de antipetistas.

A projeção bidimensional via t-SNE revelou tanto sobreposições quanto fronteiras nítidas entre os conglomerados, indicando uma topografia do antipetismo mais acidentada do que sugeririam abordagens lineares. Para caracterizar os grupos, empregou-se o procedimento CATDES, que extrai categorias de resposta estatisticamente distintas. Adicionalmente, examinou-se a distribuição regional de cada conglomerado e suas posições em relação a temas controversos (da maioria penal ao aborto), com o objetivo de captar visões de mundo divergentes que orientassem a nomeação provisória dos perfis.

Desse modo, confrontada com variáveis atitudinais e sociodemográficas, a análise de conglomerados revelou que a unidade do antipetismo era, de fato, apenas aparente. Embora os quatro agrupamentos partilhassem um solo comum, as clivagens que os separavam mostravam-se profundas, além de teoricamente significativas. Essa diferenciação repousou, fundamentalmente, sobre três eixos: (a) a natureza da inserção

⁴ Esse recorte permitiu isolar o antipetismo como fenômeno específico, distinguindo-o do antipartidarismo generalizado que caracteriza uma parcela distinta e também diminuta do eleitorado brasileiro.

⁵ Utilizou-se a distância de Gower para combinar variáveis contínuas e categóricas sem que a escala de uma (como renda) se sobrepusesse às demais (como religião).

⁶ Adotou-se o algoritmo PAM, que, diferentemente do k-means, emprega observações reais como centroides, garantindo agrupamentos ancorados em perfis empiricamente existentes de eleitores e resistentes a valores extremos.

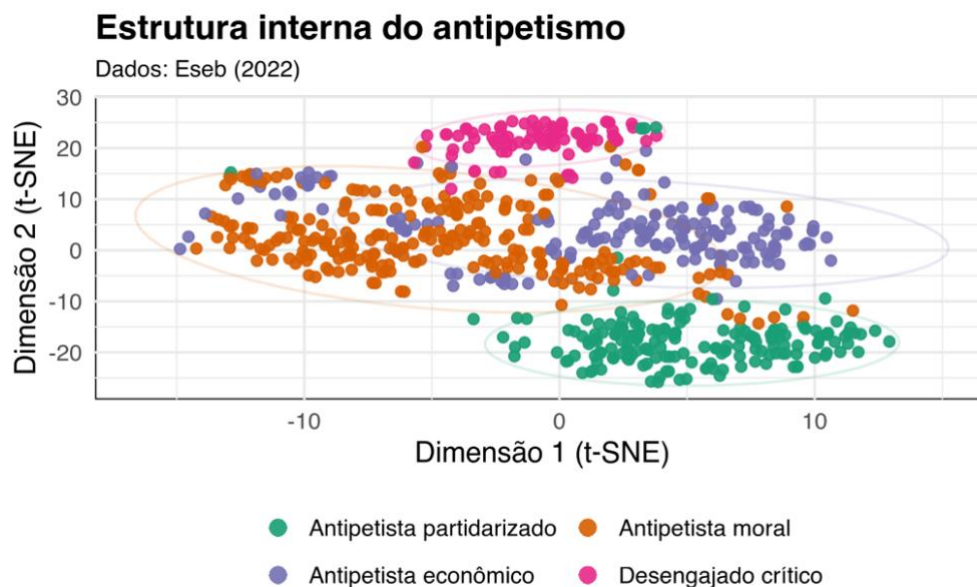
religiosa dos indivíduos; (b) a presença ou ausência de uma âncora partidária positiva; e (c) sua disposição para participar do jogo eleitoral.

O primeiro eixo permitiu distinguir o que chamamos de “antipetistas morais” e “antipetistas econômicos”. Embora ambos compartilhassem a rejeição ao PT e o voto em Jair Bolsonaro (PL) nas eleições de 2018, sua composição socioeconômica e seus padrões atitudinais divergiam de maneira significativa. O segmento “moral”, majoritariamente feminino e evangélico, concentrava-se nas faixas de renda mais baixas (até 2 salários-mínimos). Nesse agrupamento, a religião apresentava o maior poder discriminante: os resíduos ajustados do CATDES indicavam forte sobre-representação da categoria “Evangélica”, sugerindo que, neste segmento específico, a rejeição ao PT poderia se articular a um conjunto de disposições normativas e religiosas. Essa interpretação foi reforçada pela análise de suas posições em temas controversos (especialmente aqueles relacionados a costumes). Em contraste, o segmento “econômico” era predominantemente masculino, católico e situado em faixas de renda mais elevadas (3 a 5 salários-mínimos). Seus padrões distintos de resposta em temas de política pública indicavam que, indicava que a oposição ao PT tendia a se organizar menos em torno de questões morais e mais a partir de critérios associados à avaliação de desempenho e condições materiais. Esses elementos, considerados em conjunto, orientaram sua classificação provisória (Ver: Anexo 01).

O segundo e o terceiro eixos, por sua vez, isolaram os polos do engajamento. No extremo oposto do espectro, encontram-se os “antipetistas partidarizados” e os “antipetistas sistêmicos”. O conglomerado ao qual pertence Carina — dos partidarizados — reunia majoritariamente eleitoras e eleitores que, a despeito da rejeição ao PT, encontravam-se ancorados em uma identificação partidária positiva com legendas do campo da direita, notadamente o PL. Tratava-se, portanto, de um segmento que não apenas rejeitava, mas se alinhava: seu voto era consistente, sua avaliação do governo Bolsonaro era francamente positiva e sua autolocalização ideológica os posicionava com clareza no espectro da direita. Diferentemente de outros antipetistas, os membros deste conglomerado exibiam uma arquitetura de preferências relativamente estável e um repertório político mais institucionalizado.

Enfim, o quarto agrupamento, definiu-se precisamente pelo que lhe faltava: era o conglomerado do desengajamento. Diferentemente dos demais, que rejeitavam o PT votando em um adversário específico, esse grupo materializava sua rejeição por meio da abstenção, do voto nulo ou da recusa em se posicionar diante das perguntas políticas. Sua

existência empírica comprovaria, posteriormente, que uma parcela do antipetismo permaneceu em um estado de orfandade política e ceticismo difuso. Como sua crítica se dirige ao sistema político como um todo, foram inicialmente chamados de “antipetistas sistêmicos”; na análise qualitativa, contudo, foram requalificados como “desengajados críticos”, pelos motivos que serão expostos na seção específica.



A projeção bidimensional permite visualizar a proximidade entre os diferentes perfis de antipetistas. Quanto mais próximos os pontos no gráfico, mais semelhantes são os padrões de resposta desses grupos no questionário do Eseb. Observa-se uma diferenciação clara entre dois dos grupos identificados: os desengajados críticos (em rosa) apresentam maior separação espacial, formando um agrupamento relativamente isolado, enquanto os antipetistas partidarizados (em verde) concentram-se em uma região distinta na porção inferior do gráfico — ambos ocupando posições polares. Por sua vez, os perfis moral (em laranja) e o perfil econômico (em azul) situam-se na região central da projeção, com sobreposição parcial, o que indica proximidade em parte de seus atributos, ainda que permaneçam distinguíveis. Esse padrão sugere que esses dois grupos compartilham elementos comuns em sua estrutura de rejeição ao PT, ao passo que os demais se organizam de maneira mais diferenciada. Já em termos de distribuição, os conglomerados apresentaram a seguinte composição relativa:

Distribuição dos conglomerados de antipetismo (Eseb 2022)	
Antipetista partidarizado	25,9%
Antipetista moral	34,7%
Antipetista econômico	26,9%
Desengajados críticos	12,6%

Essas diferenças, contudo, para se comprovarem para além de artifícios estatísticos, precisariam ser submetidas a outro regime de evidência. Afinal, a topografia revelava fronteiras, mas não as explicava; apontava associações significativas, mas silenciava sobre os sentidos que os próprios atores atribuíam à sua rejeição. Foi justamente para preencher essa lacuna que a pesquisa se voltou, em sua segunda etapa, para a escuta direta dos sujeitos. Doze minigrupos focais, cada um composto por três indivíduos vinculados ao mesmo conglomerado – totalizando, portanto, três minigrupos por conglomerado e trinta e seis indivíduos ao todo –, foram conduzidos: um sempre no Sudeste, onde o antipetismo se mostra mais generalizado, e os outros dois nas outras duas regiões em que cada conglomerado se revelou mais prevalente (Ver: Anexo 02 e Anexo 03).⁷ Na feitura dos grupos, um questionário semiestruturado foi utilizado com os objetivos específicos de analisar: (i) as vivências políticas do indivíduo; (ii) sua relação histórica com o PT; (iii) sua potencial compreensão enquanto antipetista e (iv) as associações mobilizadas a respeito de petistas e antipetistas (Ver: Anexo 04).

Os grupos focais foram integralmente transcritos e posteriormente codificados⁸ com base em quatro perguntas-guia analíticas: (i) quais afetos negativos em relação à política, seus atores e instituições emergem nos discursos dos participantes; (ii) quais afetos positivos são mobilizados nessas mesmas dimensões; (iii) como os participantes constroem e expressam sua autopercepção política, moral e social; e (iv) como percebem aqueles que aderem ao petismo (Ver: Anexo 05). O que se segue, portanto, é o encontro entre a tipologia quantitativa e a palavra das antipetistas e dos antipetistas, em busca da articulação entre as dimensões cognitivas, morais e emocionais na construção de diferentes formas de pertencimento político. É esse diálogo entre números e narrativas que permite, enfim, desvelar as gramáticas plurais do antipetismo brasileiro.

⁷ Como a amostra do Eseb super-representa o Sudeste, a análise baseou-se na proporção relativa (respondentes do conglomerado/respondentes da região na amostra) e priorizou associações com maiores resíduos ajustados.

⁸ As codificações foram realizadas por meio do *software* QCAmap.

O antipetista partidarizado: a rejeição como *condição da adesão*

Quando perguntada sobre sua relação com a política, Carina, cujo pai fora petista durante anos, não hesitou: afirmou compreendê-la como uma das principais dimensões da vida social. Consciente de que sua própria trajetória havia sido atravessada pelas vivências paternas, agora, diante de uma filha adolescente, via-se também transmitindo um legado, formulado sob a forma de advertência: era preciso “estar informada sobre o que acontece no Brasil e no mundo em relação à política, *porque tudo é movido por política*” (Grupo Focal 03: Antipetistas Partidarizados, 07’56”). Essa percepção da centralidade, contudo, aparece articulada a uma expectativa moderada quanto aos resultados da política. Ao reconhecer que “infelizmente, a eleição é coletiva – o eleito vence pela maioria (...) todo mundo entra na roda e todo mundo paga o preço” (Ibid., 25’31”). Carina explicita assim suas frustrações e uma compreensão clara, embora trágica, do caráter agregativo do processo democrático.

O ponto relevante, aqui, não é a presença da frustração – sentimento ubíquo entre os antipetistas de todos os perfis –, mas a forma como ela é elaborada. Em vez de conduzir ao afastamento, essa percepção parece operar como princípio de orientação prática: se os resultados são coletivos e não são plenamente controláveis, a resposta não deve ser o desengajamento, mas a intensificação da ação no interior do jogo político; e, para Carina, o campo a ser fortalecido é aquele capaz de derrotar eleitoralmente o PT. A literatura sobre identidade partidária descreveria essa orientação como uma simpatia estratégica (Huddy; Bankert; Davies, 2018): não uma adesão entusiasmada ou identitária no sentido clássico, mas um alinhamento tático em um sistema percebido como polarizado.

Essa disposição – persistir na política apesar da frustração potencial e fazê-lo ancorando-se em uma identificação partidária específica – evoca, mas também complexifica, o perfil que a literatura clássica sobre partidarismo afetivo tomou como premissa. No modelo original, formulado no contexto bipartidário estadunidense, a rejeição a um partido era concebida como o subproduto lógico de uma identificação positiva prévia (Campbell et al., 1960). A trajetória de Carina convida, contudo, a uma breve inflexão analítica: aqui, o antipetismo não é a consequência da adesão ao PL; é sua *condição de possibilidade*. Não se trata de uma identidade partidária no sentido forte do termo: Carina não foi socializada no PL, não o descreve como um “nós” afetivo que opera

como sucedâneo funcional da identificação. O partidarismo negativo, neste caso, não é o avesso de uma adesão; é o terreno que lhe confere sentido.

Os perfis identificados na análise qualitativa dos grupos focais encontram correspondência em padrões estatisticamente significativos observados na rodada de 2022 do Eseb. Em termos socioeconômicos, os três grupos focais que compõem esse conglomerado são heterogêneos: reúnem homens e mulheres, evangélicos e católicos, distribuídos por diferentes faixas de renda e escolaridade. O que os articula como grupo é a combinação de dois atributos: todas as participantes e os participantes se sentem representados por um partido político e, de forma consistente, identificam esse partido como o PL.⁹ Trata-se, portanto, do grupo que mais se aproxima, embora não se sobreponha, à definição original de antipartidarismo: uma oposição estruturada a um adversário por parte de eleitoras e eleitores que, simultaneamente, nutrem vínculos positivos com outra sigla.

Mesmo com a autoidentificação partidária, contudo, o discurso no interior deste grupo é menos programático do que se poderia supor de um perfil partidarizado. Em vez de se organizar em torno de agendas ou propostas específicas, ele se ancora predominantemente em registros morais e afetivos. Carina, por exemplo, ao contrastar seu comportamento eleitoral passado com o presente, afirma que, antes de 2018, apoiava indivíduos com os quais se identificava em um nível pessoal; hoje, apoia o PL por percebê-lo como um partido coeso, no qual todos pensariam “na família e na melhoria para a população, independentemente de ser pobre, rica, negra” (Ibid, 28’03”). Há, nessa formulação, a projeção de um ideal de comunidade política: um partido que não se fragmenta em demandas particularistas que associa ao adversário, mas que se organiza em torno de valores percebidos como universais.

A análise dos grupos focais apoiou-se em uma abordagem temática, orientada menos pela contagem mecânica de ocorrências do que pela identificação dos núcleos de sentido que efetivamente organizavam o discurso das participantes e dos participantes.¹⁰ Para tanto, a centralidade de um determinado código foi auferida pela convergência de dois critérios: (i) sua difusão entre todos os grupos focais de um mesmo agrupamento de antipetistas e (ii) sua densidade no conjunto das falas desse mesmo agrupamento (Ver:

⁹ Com base na análise de resíduos ajustados (v.test) do Eseb 2022, o conglomerado antipetista partidarizado associou-se estatisticamente a: identificação partidária positiva, vinculação ao PL, autolocalização à direita e voto em Bolsonaro nos dois turnos de 2022.

¹⁰ O processo de codificação combinou estratégias dedutivas e indutivas.

Anexo 06).¹¹ Essa estratégia permitiu criar uma distinção entre aquilo que era amplamente compartilhado, embora periférico, em cada perfil e aquilo que, de fato, constituía a gramática interpretativa de cada grupo.

Assim, aquilo que mais substantivamente caracterizou os antipetistas partidarizados foi, em essência: (i) a percepção da política como arena legítima de disputas, no interior de um padrão elevado de engajamento político; (ii) a autopercepção ancorada em uma identidade ideológica clara e amplamente compartilhada; e (iii) a valorização dos vínculos positivos com representantes políticos.

A centralidade atribuída à política enquanto valor positivo constitui um dos elementos mais distintivos do grupo: apresenta não apenas elevada incidência (22% das codificações referentes aos afetos positivos), mas também difusão total entre os grupos focais. Em termos comparativos, trata-se do perfil em que essa dimensão assume maior peso relativo. Essa centralidade se desdobra em dois registros complementares: a valorização do voto como mecanismo fundamental de participação e a presença de expectativas positivas em relação à política enquanto espaço de transformação social. Mas é sobretudo a autopercepção de engajamento afetivo que confere ao grupo sua fisionomia particular: trata-se de falas nas quais os indivíduos se reconhecem como intensamente envolvidos, mobilizados ou emocionalmente implicados na política.

Diego é nordestino, oriundo do interior do Maranhão; mudou-se aos quinze anos para São Luís e atualmente trabalha com gestão de segurança armada. Diferentemente do pai de Carina, seus pais não demonstravam interesse pela política, percebida em seu ambiente familiar como um universo distante. Hoje, contudo, Diego a descreve como “o centro de tudo – pelo menos por quem conseguiu abrir os olhos” (Grupo Focal 02: Antipetistas Partidarizados, 04’30”). Essa metáfora do despertar é central em seu discurso: segundo ele, haveria muitos “cegos e surdos” que reproduziriam a ideia de que todo político é corrupto e que “sempre foi assim”, mas que não adotam qualquer postura ativa diante dessa realidade. Trata-se, em sua avaliação, de indivíduos que não opinam, não buscam persuadir os outros, não discutem política no âmbito familiar e tampouco ressaltam seus aspectos positivos. Para Diego, o engajamento constitui, contudo, um elemento central da sociabilidade: se a política se encontra deteriorada, as condições de vida da população também se deterioram, cabendo a todos atuar em sua transformação.

¹¹ Operacionalmente, a difusão foi medida pelo percentual de documentos (transcrições) nos quais o código aparecia; a densidade, pela proporção que o código representava no total de segmentos codificados. Foram considerados centrais os códigos que exibiam valores elevados em ambos os indicadores.

A intensidade desse engajamento, contudo contornos específicos em sua prática cotidiana. Diego sempre votou – e chegou a votar em Lula, acionando uma visão quase romantizada de um PT pretérito que se autofinanciaria por meio da venda de broches. Sua atuação, entretanto, não se esgota no voto: atualmente, afirma bloquear amigas e amigos que manifestem opiniões políticas divergentes das suas nas redes sociais. Assim, se Carina responde à polarização percebida por meio da intensificação de sua ação no interior do jogo eleitoral, Diego o faz pela delimitação ativa das fronteiras de seu universo relacional, dando vazão a um processo mais amplo de politização dos vínculos pessoais. Trata-se, portanto, de dois gestos que, por caminhos distintos, expressam uma mesma disposição: a recusa ao desengajamento e ao cinismo político, acompanhada da tentativa de preservar a coerência de suas posições.

No grupo focal de Diego, todos os participantes eram homens nordestinos. Todos fizeram referência ao fato de o Nordeste, nos últimos ciclos eleitorais, ter votado majoritariamente em Lula, razão pela qual se percebiam atuando “contra a maré”. Todos possuíam familiares com histórico de voto no PT e, a despeito das críticas ao partido, demonstravam compreender claramente seu apelo social. A rejeição ao PT não decorria, portanto, de uma socialização familiar negativa, mas de uma frustração de expectativas: no caso de Diego, particularmente associada aos escândalos de corrupção que envolveram o partido outrora apresentado como representante dos mais pobres. Esse contexto é relevante: o antipetismo desses participantes não constitui uma posição hegemônica em seu meio, mas uma posição minoritária e relacional. No caso deste grupo específico, era precisamente essa condição de “minoridade combativa” que alimentava (ao invés de atenuar) seu engajamento afetivo com a política.

A autopercepção ideológica constitui o segundo eixo distintivo dos antipetistas partidarizados. Diferentemente de alguns dos demais perfis, nos quais a identificação política aparece de forma difusa ou secundária, neste grupo ela se apresenta de maneira clara, consistente e compartilhada, sem que as participantes e os participantes tenham sido diretamente incitados a se posicionar. As referências à “direita” são recorrentes (8% das codificações); contudo, o dado mais significativo reside na presença transversal da identificação com o bolsonarismo (também 8%), mobilizada em todos os grupos focais.

Carina considera que Jair Bolsonaro foi “o melhor presidente do Brasil”, especialmente para os mais pobres, e destaca que ele teria alertado a população sobre “reações causadas pela vacina de Covid” – embora muitos não o tenham ouvido: “parece que muitos brasileiros estão com os olhos vendados” (Grupo Focal 03: Antipetistas

Partidarizados, 35'34"). Em diferentes momentos, as participantes e os participantes mobilizaram temas recorrentes no repertório bolsonarista: como a desconfiança em relação ao sistema eleitoral, críticas à vacinação durante a pandemia, rejeição à chamada "ideologia de gênero" e defesa do armamentismo no Brasil. Ainda que tenham surgido de forma pontual, a espontaneidade com que emergiram reforça a inserção desses indivíduos em um campo político mais amplo associado a esse repertório

Notavelmente, essa forte identidade política convive com formas específicas de distanciamento reflexivo. Diego, por exemplo, disse que todos os partidos políticos no Brasil são manipulados por interesses escusos, mas que Bolsonaro – um presidente mais "técnico" – teria rompido com esse sistema. Contou que sua sogra, petista, critica Bolsonaro por seu "jeito estúpido", mas disse compreender essa postura como decorrente da profissão do ex-presidente. Ao mesmo tempo, recusou-se a se identificar como bolsonarista, afirmando que lhe incomodava quando Bolsonaro, retoricamente, dizia agir "dentro das quatro linhas da Constituição", pois isso limitaria sua margem de ação diante de adversários percebidos como ilegítimos, pois há "sujeira que só se derruba com outra sujeira" (Grupo Focal 02: Antipetistas Partidarizados, 01'35"43). Trata-se, portanto, de uma identificação que combina adesão e distanciamento, articulando alinhamento político com reflexividade concreta, ainda que significativamente mais estruturada do que aquela observada em outros perfis de antipetistas.

Neste perfil de antipetistas partidarizados, a rejeição ao PT assume contornos particularmente intensos. Em todos os grupos focais, as participantes e os participantes demonstraram dificuldade mesmo em pronunciar o nome de Lula, recorrendo a expressões indiretas como "esse presidente", "o garoto" ou "o fulano", além de termos abertamente depreciativos. O partido foi frequentemente associado ao que há de mais nocivo na política e na sociedade brasileiras e a rejeição estendeu-se também a outras legendas de esquerda. Como sintetizou Carina, Lula teria prejudicado justamente quem afirmava representar ("os pobres", "os pequenos produtores", em seus exemplos), chegando a questionar, inclusive, a legalidade de sua eleição. O grupo de antipetistas partidarizados, portanto, não é composto por aquelas e aqueles que abandonaram a política, mas por quem nela permaneceu – com todas as contradições que essa permanência implica –, mobilizando um discurso consistente para combater um adversário cuja vitória lhes parece não apenas indesejável, mas ilegítima.

As outras gramáticas do antipetismo: moral, econômica e sistêmica

O antipetismo dos indivíduos que simpatizam com o PL estrutura-se por meio de discursos relativamente coesos, sugerindo a presença de um certo grau de coordenação discursiva que poderíamos atribuir ao apelo de uma liderança comum e a circulação em ecossistemas comunicativos mais ou menos homogêneos. Os demais perfis – que denominamos provisoriamente antipetismo moral, econômico e sistêmico – não apresentam, na análise qualitativa, essa mesma forma de estruturação. Em comum, esses grupos manifestam uma rejeição ao PT que não se ancora em vínculos positivos com qualquer outra força política, mas tampouco se organizam em torno de gramáticas comuns entre si. Ao contrário, cada um deles mobiliza um princípio avaliativo predominante distinto, indicando que, se o partidarismo não é o único motor da rejeição, há ainda múltiplas formas de organizá-la: valores morais e disposições normativas, interesses e avaliações materiais ou uma desconfiança difusa em relação às instituições e ao sistema político que resulta em desengajamento.

Quando solicitada a se apresentar – seu nome, sua ocupação, seu local de residência e o que mais julgasse necessário para que nos conhecêssemos –, Joana contou ser uma recifense de 37 anos, atualmente desempregada e *cristã*: necessitou demarcar. Relatou que, durante grande parte de sua vida, não se interessou por política, limitando-se a votar por considerá-lo um dever. Nos últimos anos, contudo, afirmou ter passado a reconhecer sua importância. Nesse percurso, mencionou já ter votado em Lula e em candidatas e candidatos petistas, nutrindo, à época, expectativas de que o partido promovesse melhorias especificamente nas áreas de saúde e segurança: expectativas estas que, segundo ela, não se concretizaram. Para além dessas frustrações programáticas, foi a partir da mobilização daquela mesma identidade religiosa que Joana justificou seu afastamento definitivo do partido. Justamente por ser cristã, passou a “observar que tinham coisas nesse partido que não serviam e comecei a sair. Como cristã, tem o homossexualismo, que eu sou totalmente contra, e eles [os petistas] apoiam. Tem a questão do aborto: Deus que deu a vida, quem somos para tirar a vida de alguém? Um embrião tem vida!” (Grupo Focal 04: Antipetistas Morais, 26’25”).

Os grupos focais associados aos antipetistas morais foram compostos exclusivamente por mulheres evangélicas, sem identificação ou simpatia partidária e com renda familiar situada na faixa de um a dois salários-mínimos. Já os participantes dos grupos focais associados aos antipetistas econômicos configuraram um perfil contrastante: homens católicos, igualmente sem vínculo partidário formal, mas com renda

entre três e cinco salários-mínimos.¹² Na fase quantitativa, a sobreposição parcial desses perfis na projeção t-SNE sugeria proximidade em seus padrões de resposta, indicando o compartilhamento de uma base comum de rejeição ao PT, além de posicionamentos políticos semelhantes. Na fase qualitativa, contudo, esses grupos se distinguiram pelos princípios avaliativos que estruturaram seus discursos. Em outras palavras, convergiam em suas posições, mas divergiam nas justificativas que mobilizaram para sustentá-las.

As antipetistas moralistas caracterizam-se por uma gramática eminentemente moral da política: o julgamento de atores e instituições organiza-se a partir de valores, costumes e concepções específicas de ordem social. O núcleo mais estruturante de sua rejeição ao PT encontra-se justamente nesse domínio – em referências à família e aos papéis de gênero, à oposição à homossexualidade e à diversidade sexual, bem como ao aborto, conforme patente na fala de Joana. Trata-se de um conjunto de códigos que, além de apresentar elevada densidade no interior do conglomerado (9% das codificações, contra 2% entre antipetistas partidarizados e econômicos), manifesta-se de forma transversal em todos os grupos focais, indicando seu papel organizador.

Uma segunda característica – analiticamente distinta, mas complementar – é a forte autopercepção moral, que se mostra mais pronunciada neste grupo (38% das codificações) do que em qualquer outro perfil analisado. Se a gramática diz respeito aos critérios de julgamento do mundo político, a autopercepção refere-se à imagem que os indivíduos constroem de si mesmos. Joana ilustra essa dimensão de maneira particularmente vívida. Quando diretamente questionada, afirmou não se considerar antipetista: disse não conhecer o significado do termo, que lhe parecia demasiado “forte”. Ainda assim, declarou que jamais votaria no PT, por não concordar com “as questões que eles [os petistas] apoiam: LGBT, o aborto” (Grupo Focal 04: Antipetistas Morais, 44'46"). A contradição é apenas aparente: quando solicitada a descrever um antipetista – estratégia metodológica desenhada para aceder à autopercepção de forma indireta –, Joana o descreveu como “alguém que é de família, que gosta de família. É uma pessoa que crê em Deus. É alguém que segue regras e não tem problemas com regras. É uma pessoa que gosta do próprio corpo” (Grupo Focal 04: Antipetistas Morais, 01'02"07). Em sua fala, o perfil antipetista converte-se em espelho da moralidade que ela própria reivindica. Recusar o rótulo, portanto, não implica recusar o conteúdo: a identidade é negada em sua forma nominal, mas afirmada em seus termos substantivos.

¹² Mais uma vez, essa composição encontra respaldo nos padrões observados na análise quantitativa. A partir da análise de resíduos ajustados (v.test) com dados da Eseb 2022, conforme Anexo 01.

Outro elemento recorrente entre as antipetistas morais diz respeito à associação entre o PT (e, em particular, a figura de Lula) e a ideia de desvio moral. A menção à sua condenação e prisão emergiu de maneira reiterada, frequentemente mobilizada como evidência não apenas da corrupção vinculada às ações do partido, mas de um problema mais amplo de impunidade. Nesse registro, a vitória de Lula em 2022 foi interpretada como um sinal negativo para a sociedade, pois estaria associada à ideia de que comportamentos desviantes não apenas deixam de ser punidos, como podem ser recompensados. Joana sintetizou-o ao afirmar que aquele resultado eleitoral configuraria um “mau exemplo” para os bandidos.

O enquadramento moral também estrutura o vínculo dessas participantes com lideranças políticas. Sobressai, nesse processo, a centralidade da identificação pessoal com a representante (10% das codificações) que prevalece, em termos relativos, sobre alinhamentos ideológicos (8%) ou avaliações de responsividade (entendida como percepção positiva da política enquanto prática concreta, 1%). Nos dados qualitativos, essa dimensão aparece frequentemente mediada por pertencimentos religiosos: em um dos três grupos focais de antipetistas morais, todas as participantes relataram envolvimento ativo em suas igrejas e atribuíram a esse ambiente um papel central na formação de suas posições políticas. Nesse contexto, Jair Bolsonaro é mobilizado como referência compatível com valores compartilhados, indicando que a adesão ao representante se ancora menos em plataformas programáticas ou avaliações de desempenho do que em afinidades de ordem moral e identitária.

Em contraste, a gramática dos antipetistas econômicos confere pouca centralidade aos temas morais, de um modo amplo. Como já destacado, enquanto a categoria “moralidade e costumes” corresponde a 9% das codificações entre as antipetistas morais, esse percentual cai para apenas 2% neste segundo grupo. Sua organização discursiva é, em realidade, *predominantemente* instrumental: a política é avaliada em termos de eficiência, desempenho e consequências materiais – sem prejuízo, contudo, de eventuais convergências entre os valores econômicos liberais que nela predominam e discursos de tipo conservador que também emergem.

Arthur é um jovem pardo de apenas 28 anos, residente em um conjunto habitacional localizado na periferia de São Paulo: em uma região majoritariamente petista. Contou que, em sua juventude, chegou a identificar-se com o progressismo, então considerando o discurso das esquerdas bastante “sedutor”. Quando ingressou no mercado de trabalho e começou a conquistar seus próprios bens, sua percepção alterou-se: hoje

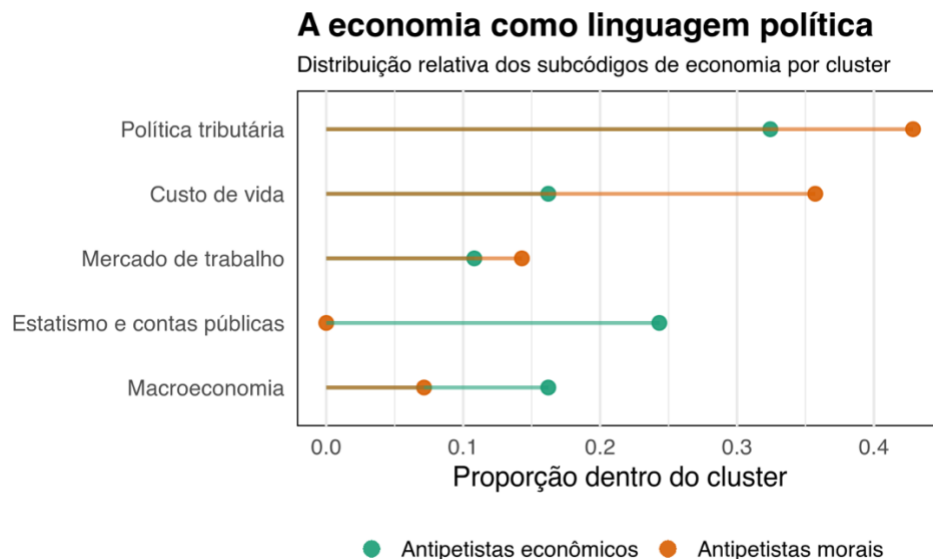
considera a esquerda uma força que “hipnotiza” as pessoas a se contentarem “com pouco” (Grupo focal 08: Antipetistas econômicos, 32’34”). Arthur reconhece a necessidade de auxílios sociais, mas defende que estes devem vir acompanhados de condições que promovam o progresso individual: o Estado, em sua fala, não deveria “banciar alguém para sempre”. O Bolsa Família, uma das principais vitrines do petismo, seria, nesse sentido, um obstáculo à “evolução individual”, pois condicionaria as pessoas à inação.

A gramática instrumental do antipetismo econômico manifesta-se, majoritariamente, em dois traços. O primeiro é uma autoimagem de “cidadão racionalizado”,¹³ a qual associada a identificações ideológicas claras: particularmente com as direitas (em 19% das falas, transversal a todos os grupos) e com o liberalismo (em 9% das falas, igualmente transversal). Diferentemente do que se observa entre os antipetistas partidarizados ou entre as moralistas, não há aqui qualquer menção à autodefinição enquanto “bolsonarista”. De fato, a identificação com lideranças não se ancora preponderantemente em vínculos pessoais ou afinidades morais (2%), mas em avaliações sobre ideias e projetos percebidos como mais “eficientes” economicamente, avaliações retrospectivas de impacto (7%), e afinidades ideológicas (11%). Foi também nesses grupos que os códigos referentes à corrupção apareceram com maior centralidade.

O segundo traço é a centralidade atribuída às condições econômicas concretas. Referências ao custo de vida, ao emprego e à renda não surgem de forma episódica entre esses participantes; constituem, antes, o eixo estruturante de sua crítica política. Diferentemente dos demais grupos, nos quais a economia aparece subordinada a outras preocupações (como a ordem moral ou a experiência cotidiana imediata), aqui ela é mobilizada de maneira mais abrangente, incluindo avaliações sobre o papel do Estado, seus níveis de gasto e sua capacidade de gestão.

Esse contraste revela não apenas diferenças de intensidade, mas de estrutura no modo como a economia é incorporada ao discurso político. Entre as antipetistas morais, por exemplo, as questões econômicas tendem a ser filtradas por preocupações com a subsistência familiar (especialmente o custo de vida e a carga tributária); entre os antipetistas econômicos, elas são articuladas em termos mais próximos de uma linguagem macroeconômica, na qual o Estado é avaliado por critérios de eficiência, racionalidade e desempenho, conforme sintetiza o gráfico:

¹³ Ou seja, falas que constroem uma autoimagem de racionalidade e superioridade cognitiva; distinção entre “quem pensa” e “quem é manipulado”; ênfase em “analisar por conta própria”.



Arthur afirmou-se antipetista por discordar da ideologia que, segundo ele, o PT “impõe”, embora tenha ressaltado que nem a direita nem a esquerda teriam o direito de impor quaisquer ideias ou práticas. Quando solicitado a representar o petismo por meio de uma imagem, descreveu-o como homem hipócrita: alguém que usufrui de bens de consumo capitalistas enquanto prega discursos igualitários. A representação do PT seria a do um indivíduo aproveitador, que se serve da boa-fé alheia para promover-se. “Eles pregam algo 'progressista', mas, na prática, gostam do capitalismo: quando viajam, vão para a Disney, para países capitalistas, e o povo fica em segundo plano” (Grupo Focal 08: Antipetistas econômicos, 01'31"01).

Finalmente, o perfil sistêmico agregou indivíduos que não souberam ou não responderam às perguntas sobre seu voto em 2018 e 2022, nem sobre sua simpatia partidária, sugerindo uma relação de distanciamento (ou mesmo de indiferença) em relação ao sistema político que a análise qualitativa permitiu qualificar. Trata-se do perfil em que se concentraram aqueles afetos negativos da política associados ao retraimento, particularmente ao cansaço com a política (11% da codificação), a percepção de uma polarização excessiva e o medo do conflito decorrente (10% da codificação). Diferentemente dos demais perfis, essa rejeição não se organizou a partir de uma gramática substantiva – seja ela moral, ideológica ou instrumental –, inserindo-se em uma desconfiança mais difusa em relação à política como um todo. Esses indivíduos representam a menor fração entre os antipetistas, correspondendo a 12,6% dos casos.

Samantha tem 19 anos, nunca votou e tampouco demonstrou qualquer interesse em emitir seu título de eleitora. Ao comentar sobre a obrigatoriedade do voto no Brasil,

afirmou considerá-lo um dispositivo “antidemocrático”. Sua relação com a política é marcada por distanciamento: disse não gostar sequer de falar sobre o tema e descreveu o Brasil como um país “muito bonito”, cuja política “corrompe tudo”. Em seu entorno familiar, a política também não se configura como um espaço de engajamento: relatou que a mãe chegou a apoiar Jair Bolsonaro, mas abandonou esse apoio, enquanto a avó, com quem reside, tampouco vota. Samantha afirmou não acompanhar notícias sobre a política, limitando-se ao consumo ocasional de conteúdos que lhe chegam pelas redes sociais de maneira acidental: ambiente em que, segundo ela, tampouco é confiável, dada a percepção de uma presença disseminada de notícias falsas. Nesse contexto, sintetizou sua percepção ao afirmar que a política constitui uma “mesmice de coisas ruins”.

Esse padrão não se restringe a casos individuais, mas expressa uma forma recorrente de relação com a política nesse perfil. Trata-se do grupo em que os afetos negativos se organizam de maneira mais difusa, associado a uma exposição à mídia marcada por confusão informacional e perda de referências (2% das codificações). Foram inicialmente chamados “sistêmicos” por sua crítica atingir de maneira indiscriminada todos os partidos, todo o sistema político (6% das codificações, transversal a todos os grupos). Na fase qualitativa, contudo, foram requalificados “desengajados críticos”, uma vez que, embora se mantenham afastados da participação política, não se configuram como apáticos ou desprovidos de julgamento; ao contrário, expressam um padrão de comportamento que Sendretti (2025) denomina “*burnout* cívico”: uma forma de saturação que combina distanciamento prático e criticidade difusa.

Desse modo, de forma mais latente do que nos demais perfis, a rejeição ao PT insere-se em uma percepção mais ampla de deterioração da política, que tende a homogeneizar atores e instituições. Trata-se, ademais, do conglomerado que apresenta a menor incidência de afetos positivos vinculados à política (40 ocorrências, frente a 136 entre as antipetistas moralistas, segundo maior valor), reforçando o caráter predominantemente negativo e desmobilizador de sua relação com o universo político. Nesse contexto, o antipetismo desses indivíduos não se configura como uma posição política propriamente dita, mas como parte de um processo mais amplo de afastamento em relação à esfera da política. Os desengajados críticos indicam, portanto, os limites do antipetismo como mecanismo de estruturação do comportamento eleitoral: ainda que expressem rejeição ao PT, a ausência de uma gramática política estruturada e o domínio de afetos associados ao retraimento impedem que essa rejeição se traduza de maneira consistente em escolhas eleitorais.

Em decorrência desse afastamento mais amplo, parte dos desengajados críticos manifestou, nos grupos focais, rejeição também àqueles que identificam como “antipetistas”: frequentemente descritos como “arrogantes”, “extremistas” ou “fechados ao diálogo”, reforçando o desejo de não se posicionar em qualquer polo. Ao representar especificamente um antipetista, Samantha o descreveu como um indivíduo frustrado e amargurado, alguém que acredita ser o único detentor da razão, acrescentando, por fim, que “isso é dos dois lados extremos: tanto um petista quanto um antipetista” (Grupo focal 11, Desengajados críticos, 51’02”). Nesse caso, o antipetismo perde sua especificidade e passa a ser percebido como mais um polo de uma dinâmica que se rejeita por inteiro.

Conclusão: o antipetismo como categoria agregadora

O presente artigo propôs o partidarismo negativo como uma categoria agregadora: uma forma de organização do comportamento político que reúne indivíduos em torno da rejeição a um mesmo partido político, ainda que a partir de motivações, repertórios afetivos e gramáticas políticas profundamente diferentes. Distanciando-se da literatura corrente, que o trata como uma identidade homogênea – análoga, nesse sentido, ao partidarismo positivo –, esta formulação permite captar a coexistência de múltiplas formas de atribuição de sentido a uma mesma orientação negativa. Carina, Diego, Joana, Arthur e Samantha mobilizam repertórios distintos para convergir no mesmo objeto de rejeição. O que os unifica é o ponto de convergência negativo – a rejeição ao PT –, não um conteúdo substantivo compartilhado. Há unidade formal, mas ausência de unidade substantiva. Essa negatividade agrega sem homogeneizar, orienta sem estruturar plenamente e, por isso, permanece intrinsecamente instável.

Essa instabilidade, contudo, longe de constituir uma fraqueza acidental do fenômeno, revela-se um traço constitutivo com repercussões comportamentais concretas. A tipologia aqui apresentada demonstra que a rejeição ao PT só se traduz em voto consistente para uma parcela dos antipetistas, os partidarizados, e de modo muito mais contingente para os perfis moral e econômico. Já os desengajados críticos, embora igualmente hostis ao partido, tendem à abstenção ou ao voto nulo, expondo de modo mais claro os limites da negatividade como mecanismo universal de coordenação eleitoral.

Para os opositores que buscam capitalizar o antipetismo, essa heterogeneidade impõe uma estratégia não de unificação discursiva, mas de segmentação articulada: ao perfil moral fala-se a língua dos costumes, da família e da ordem moral; ao perfil

econômico, a mensagem ancora-se em eficiência e mérito. A eficácia eleitoral do antipetismo reside justamente nessa plasticidade: a mesma categoria agregadora endereça distintas gramáticas de rejeição sem necessidade de uni-las sob um programa comum. Paradoxalmente, tentar transformar o antipetismo em uma identidade partidária afirmativa pode alienar os quem não se vincula a qualquer legenda, preferindo a negatividade fluida ao compromisso programático. A força do antipetismo como categoria agregadora é, portanto, sua fragilidade estrutural: ele orienta o voto sem enraizá-lo, agrega multidões sem lhes dar uma voz unívoca e, por isso, permanece à mercê de quem melhor souber ocupar, a cada ciclo eleitoral, o lugar vazio da rejeição.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa adotou um desenho multimétodos integrativo, articulando análise quantitativa e qualitativa para apreender não apenas a distribuição dos perfis de antipetismo, mas também suas formas de estruturação afetiva. Uma agenda de pesquisa promissora consiste em explorar no tempo a estabilidade ou instabilidade dessas gramáticas e ampliar a comparação para outros contextos nacionais, sobretudo para outros sistemas multipartidários, de modo a avaliar o alcance e os limites da proposta aqui desenvolvida. Mais fundamentalmente, contudo, a análise sugere uma intuição central: o partidarismo negativo agrega não a despeito de sua vacuidade substantiva, mas precisamente por causa dela. Essa é a abertura que lhe confere flexibilidade, capacidade de difusão e, paradoxalmente, eficácia política.

Referências

ABRAMOWITZ, Alan I.; WEBSTER, Steven W. Negative Partisanship: Why Americans Dislike Parties But Behave Like Rabid Partisans. **Political Psychology**, v. 39, n. S1, p. 119–135, 2018.

AHMED, Sara. Affective Economies. **Social Text**, v. 22, n. 2, p. 117–139, 2004.

ANDERSON, Vernon F. **In the arena: The care and feeding of American politics**. Nova Iorque: Harper & Row, 1976.

BANKERT, Alexa. The origins and effect of negative partisanship. *In*: OSCARSSON, Henrik; HOLMBERG, Soren (Eds.). **Research handbook on political partisanship**. Londres: Edward Elgar Publishing, 2020. p. 89–101.

BRAGA, Maria do Socorro; ZOLNERKEVIC, Aleksei. Padrões de votação no tempo e no espaço: classificando as eleições presidenciais brasileiras. **Opinião Pública**, v. 26, p. 1–33, 2020.

CAMPBELL, Angus *et al.* **The American Voter**. Chicago: University of Chicago Press, 1960.

CHAISE, Mariana Falcão. Um autoritário à brasileira: o que diz a Ciência Política sobre a eleição de Bolsonaro. **Leviathan (São Paulo)**, v. 1, n. 20, p. 1–20, 2024.

DUBET, François. **Le temps des passions tristes**. Paris: Le Seuil, 2019.

FUKS, Mario; RIBEIRO, Ednaldo; BORBA, Julian. From Antipetismo to Generalized Antipartisanship: The Impact of Rejection of Political Parties on the 2018. **Brazilian Political Science Review**, v. 15, p. 2–28, 2 dez. 2020.

GARRY, John. Making ‘party identification’ more versatile: Operationalising the concept for the multiparty setting. **Electoral Studies**, v. 26, n. 2, p. 346–358, 2007.

GREEN, Professor Donald; PALMQUIST, Bradley; SCHICKLER, Eric. **Partisan Hearts and Minds: Political Parties and the Social Identities of Voters**. New Haven: Yale University Press, 2002.

HUDDY, Leonie; BANKERT, Alexa; DAVIES, Caitlin. Expressive Versus Instrumental Partisanship in Multiparty European Systems. **Political Psychology**, v. 39, n. 1, p. 173–199, 2018.

IYENGAR, Shanto *et al.* The Origins and Consequences of Affective Polarization in the United States. **Annual Review of Political Science**, v. 22, n. 1, p. 129–146, 2019.

IYENGAR, Shanto; KRUPENKIN, Masha. The Strengthening of Partisan Affect. **Political Psychology**, v. 39, n. S1, p. 201–218, 2018.

MAIR, Peter. **Ruling the Void: The Hollowing of Western Democracy**. Londres: Verso, 2013.

MOURA, Maurício; CORBELLINI, Juliano. **A eleição disruptiva: Porque Bolsonaro venceu**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

PAIVA, Denise; KRAUSE, Silvana; LAMEIRÃO, Adriana Paz. O eleitor antipetista: partidarismo e avaliação retrospectiva. **Opinião Pública**, v. 22, n. 1, p. 638–674, 2016.

RIBEIRO, Ednaldo; CARREIRÃO, Yan; BORBA, Julian. Sentimentos partidários e antipetismo: condicionantes e covariantes. **Opinião Pública**, v. 22, n. 1, p. 603–637, 2016.

ROSANVALLON, Pierre. **La Contre-démocratie: La politique à l’âge de la défiance**. Paris: Points, 2014.

SAMUELS, David J.; ZUCCO, Cesar. **Partisans, Antipartisans, and Nonpartisans: Voting Behavior in Brazil**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

SEAWRIGHT, Jason. Better Multimethod Design: The Promise of Integrative Multimethod Research. **Security Studies**, v. 25, n. 1, p. 42–49, 2016.

SENDRETTI, Lilian. **Burnout cívico: efeitos emocionais e afetivos da polarização e da radicalização política no Brasil**. SciELO Preprints, , 2025. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/13526>>. Acesso em: 31 mar. 2026

SETZLER, Mark. Did Brazilians Vote for Jair Bolsonaro Because They Share his Most Controversial Views? **Bras. Political Sci. Rev.**, v. 15, n. 1, 9 out. 2020.

VALENTE, Riccardo; BORBA, Julian. Tropical Trump, or a very Brazilian tale? Social class resentment as a moderating factor between anti-PT sentiment and the vote for Jair Bolsonaro in 2018. **Opinião Pública**, v. 29, p. 24–41, 26 maio 2023.

Conflito de interesses

A autora declara não haver conflito de interesses na realização desta pesquisa.

Declaração de Disponibilidade de Dados de Pesquisa

Os dados do Estudo Eleitoral Brasileiro (Eseb) estão disponíveis publicamente no site do Centro de Estudos de Opinião Pública (Cesop). Os dados referentes aos grupos focais (incluindo transcrições) podem ser disponibilizados mediante solicitação direta à autora por e-mail, observadas as condições éticas e de confidencialidade aplicáveis.

Declaração de Aprovação do Comitê de Ética

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob o CAAE nº 85187724.8.0000.8142.

Data de submissão: 01/05/2025

Instituição proponente: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/Unicamp)

Situação: Projeto aprovado

ANEXO 01**Categorias mais associadas a cada conglomerado**

Conglomerado	Categoria	v.test	p-valor
Antipetistas econômicos	Sexo: Masculino	12.80	<0,001
	Representação partidária: partido: Não sabe/Não respondeu	11.66	<0,001
	Religião: Católica	10.98	<0,001
	Representação partidária: Não	10.56	<0,001
	Votou no 2º turno de 2022? Sim	6.26	<0,001
Antipetistas moralistas religiosos	Representação partidária: partido: Não sabe/Não respondeu	12.58	<0,001
	Representação partidária: Não	11.80	<0,001
	Sexo: Feminino	10.90	<0,001
	Religião: Evangélica	10.25	<0,001
	Votou no 2º turno de 2022? Sim	7.65	<0,001
Antipetistas partidarizados	Representação partidária: Sim	24.99	<0,001
	Representação partidária: partido: PL	20.87	<0,001
	Auto localização ideológica: Direita	6.23	<0,001
	Voto 1º turno de 2022: Jair Bolsonaro	6.17	<0,001
	Voto 2º turno de 2022: Jair Bolsonaro	5.83	<0,001
Desengajados críticos	Voto 2º turno de 2022: Não sabe/Não respondeu	18.53	<0,001
	Votou no 2º turno de 2022? Não	18.37	<0,001
	Voto 1º turno de 2022: Não sabe/Não respondeu	17.41	<0,001
	Votou no 1º turno de 2022? Não sabe/Não respondeu	16.84	<0,001
	Voto no 1º turno 2018: Não sabe/Não respondeu	8.51	<0,001

Elaboração própria com base nos dados do Eseb (2022-2026). São apresentadas as cinco categorias com maiores resíduos ajustados positivos (*v.test*) em cada conglomerado.

Nota: As categorias apresentadas correspondem às cinco variáveis com maiores resíduos ajustados positivos (*v.test*) em cada conglomerado, indicando associação estatisticamente significativa entre categoria e grupo. O *v.test* expressa a intensidade dessa associação, sendo valores mais elevados indicativos de maior sobre-representação da categoria no conglomerado em relação ao conjunto da amostra. O *p-valor* refere-se ao nível de significância estatística associado ao teste, sendo valores inferiores a 0,05 considerados estatisticamente significativos.

ANEXO 02**Distribuição regional dos conglomerado de antipetistas**

Conglomerado	Região	n	Obs%	Exp%	Δ p.p.	Lift	Std.Res.
Antipetistas econômicos	Centro-Oeste	23	12.2	10.3	1.9	1.18	0.99
	Nordeste	42	22.3	19.3	3.0	1.16	1.23
	Sudeste	91	48.4	49.8	-1.4	0.97	-0.44
	Sul	24	12.8	13.7	-0.9	0.93	-0.44
	Norte	8	4.3	6.9	-2.6	0.62	-1.64
Antipetistas morais	Norte	26	10.0	6.9	3.1	1.46	2.52
	Sul	37	14.2	13.7	0.5	1.04	0.31
	Nordeste	51	19.6	19.3	0.3	1.02	0.16
	Sudeste	123	47.3	49.8	-2.5	0.95	-1.00
	Centro-Oeste	23	8.8	10.3	-1.5	0.85	-1.00
Antipetistas partidarizados	Sudeste	104	56.8	49.8	7.0	1.14	2.21
	Nordeste	36	19.7	19.3	0.4	1.02	0.15
	Sul	21	11.5	13.7	-2.2	0.84	-1.02
	Centro-Oeste	15	8.2	10.3	-2.2	0.79	-1.11
	Norte	7	3.8	6.9	-3.0	0.56	-1.88
Desengajados críticos	Centro-Oeste	13	15.5	10.3	5.1	1.50	1.64
	Norte	8	9.5	6.9	2.7	1.39	1.03
	Sul	16	19.0	13.7	5.3	1.39	1.52
	Sudeste	38	45.2	49.8	-4.6	0.91	-0.89
	Nordeste	9	10.7	19.3	-8.6	0.56	-2.12

Elaboração própria com base nos dados do Eseb (2022-2026)

Nota: Conglomerado indica os grupos de respondentes identificados por análise de agrupamento. Região corresponde às macrorregiões do país. n representa o número de casos em cada combinação de conglomerado e região. Obs% refere-se à proporção observada da região dentro do conglomerado. Exp% indica a proporção esperada da região com base na distribuição da amostra total. Δ p.p. (diferença em pontos percentuais) corresponde à diferença entre Obs% e Exp%. Lift expressa a razão entre a proporção observada e a esperada (Obs%/Exp%), indicando sobre ou sub-representação relativa. Std.Res. refere-se ao resíduo padronizado da associação entre conglomerado e região, sendo valores acima de |2| indicativos de desvios estatisticamente relevantes.

ANEXO 03

Espelho dos grupos focais

Data/hora	Perfil	Nome	Idade	Cidade	Escolaridade	Ocupação	Renda familiar	Raça	Religião	Voto 1º turno 2022	Voto 2º turno 2022	Se considera próximo a qual partido	Avaliação governo Bolsonaro	Nota para o partido do PT
16/07 às 19h00	Antipetistas - partidários - Sudeste	Ana	36	São João de Meriti	Ensino médio completo	Confeiteira	R\$ 2.500,00	Preta	Evangélica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	PL	Ótimo	3
		Dilma	49	Rio de Janeiro	Superior completo	Assistente Administrativa	R\$ 3.500,00	Parda	Evangélica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	PL	Bom	0
		Natália	43	Mogi das Cruzes	Ensino médio completo	Empregada doméstica	R\$ 1.800,00	Parda	Católica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	PL	Ótimo	0
17/07 às 19h30	Antipetistas - partidários - Nordeste	Diego	47	São Luís	Superior completo	Analista de Segurança	R\$ 4.000,00	Pardo	Católico	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	PL	Ótimo	0
		Adão	27	Aracaju	Ensino Médio Completo	Motorista de Aplicativo	R\$ 3.800,00	Preto	Evangélico	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	PL	Bom	0
		Maurício	31	Recife	Superior completo	Vendedor de cosméticos	R\$ 4.500,00	Branco	Evangélico	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	PL e NOVO	Bom	2
19/07 às 15h00	Antipetistas independentes - moralistas religiosos - Nordeste	Joana	37	Recife	Ensino Médio Completo	Dona de casa	R\$ 1.600,00	Parda	Evangélica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Nenhum	Bom	0
		Nelma	44	Salvador	Ensino médio completo	Dona de casa	R\$ 2.500,00	Branca	Evangélica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Nenhum	Bom	0
		Beatriz	39	Salvador	Técnico completo	Dona de casa	R\$ 3.000,00	Parda	Evangélica	Ciro Gomes	Jair Bolsonaro	Nenhum	Bom	0
19/07 às 17h3	Antipetistas independentes - moralistas religiosos - Nordeste	Ângela	42	Ribeirão Preto	Ensino médio completo	Cuidadora de idosos	R\$ 1.800,00	Branca	Evangélica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Nenhum	Ótimo	0

		Maria Paula	38	Itanhaém	Superior incompleto	Dona de casa	R\$ 1.600,00	Parda	Evangélica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Nenhum	Bom	0
		Martha	31	São Paulo	Ensino médio completo	Bombeira Civil	R\$ 2.700,00	Branca	Evangélica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Nenhum	Bom	0
19/07 às 19h30	Antipetistas independentes – moralistas econômicos - Sudeste	Reni	52	Nova Iguaçu	Ensino médio completo	Técnico de eletrônica	R\$ 7.400,00	Branco	Católico	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Nenhum	Ótimo	3
		Lucas	30	Belo Horizonte	Superior Cursando	Assistente administrativo	R\$ 4.600,00	Preto	Católico	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Nenhum	Ótimo	0
		Arthur	28	São Paulo	Superior Completo	Comprador técnico	R\$ 4.800,00	Pardo	Católico	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Nenhum	Bom	0
21/07 às 20h00	Antipetistas partidários - Centro-oeste	Gabriela	35	Aparecida de Goiânia	Superior Completo	Frentista	R\$ 4.000,00	Branca	Evangélica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	PL	Ótimo	0
		Carina	38	Cuiabá	Superior Completo	Arquiteta	R\$ 5.000,00	Parda	Evangélica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	PL	Ótimo	0
		Aline	30	Cuiabá	Superior incompleto	Operadora de Caixa	R\$ 3.500,00	Parda	Evangélica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	PTB	Ótimo	0
22/07 às 19h00	Antipetistas independentes – moralistas religiosos - Centro-oeste	Laura	32	Dourados	Superior Completo	Psicóloga	R\$ 3.000,00	Preta	Evangélica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Nenhum	Regular	3
		Adelaide	43	Campo Grande	Ensino médio completo	Costureira	R\$ 2.500,00	Branca	Evangélica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Nenhum	Ótimo	3
		Morgana	35	Goiânia	Superior Completo	Dona de casa	R\$ 2.900,00	Parda	Evangélica	Ciro Gomes	Branco	Nenhum	Bom	2

26/07 às 15h30	Antipetistas independentes – moralistas econômicos - Sul	Carlos	26	Lajeado	Ensino médio completo	Analista de compras	R\$ 4.600,00	Branco	Católico	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Nenhum	Regular	0
		Eduardo	46	São Leopoldo	Superior Completo	Administrador de empresas	R\$ 7.500,00	Branco	Católico	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Nenhum	Bom	0
		Rodrigo	43	Porto Alegre	Pós-Graduação	Advogado	R\$ 7.000,00	Branco	Católico	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Nenhum	Bom	0
26/07 às 17h30	Antipetistas independentes – desengajados críticos - Centro -Oeste	Valéria	49	Brasília	Ensino médio incompleto	Massoterapeuta	R\$ 2.500,00	Branca	Sem religião	Não votei	Não votei	Nenhum / Não é interessada em política	Regular	2
		Juliana	25	Cuiabá	Ensino médio completo	Auxiliar financeira	R\$ 1.518,00	Parda	Católica	Branco / Nulo	Branco / Nulo	Nenhum / Não é interessado por política	Ruim	3
		Gabriela	30	Aparecida de Goiânia	Ensino médio completo	Dona de Casa	R\$ 3.500,00	Parda	Evangélica	Não votei	Não votei	Nenhum / Pouco interessado em política	Regular	3
26/07 às 20h00	Antipetistas independentes – desengajados críticos - Sudeste	Renata	28	Jundiaí	Ensino médio completo	Do lar	R\$ 2.000,00	Branca	Católica	Não votei	Não votei	Nenhum / Pouco interessado em política	Bom	0
		Sara	23	Rio de Janeiro	Ensino superior cursando	Corretora de imóveis	R\$ 3.600,00	Parda	Candomblé	Branco / Nulo	Branco / Nulo	Nenhum / Pouco interessado em política	Ruim	3
		Samantha	19	São Paulo	Ensino médio completo	Estudante	R\$ 3.000,00	Pardo	Sem religião	Não votei	Não votei	Nenhum / Pouco interessado em política	Regular	0
29/07 às 19h30	Antipetistas independentes – moralistas	Adriano	37	Manaus	Superior incompleto	Cozinheiro	R\$ 5.000,00	Pardo	Católico	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Nenhum	Ótimo	0

	econômicos - Norte	Fernando	52	Macapá	Superior completo	Vendedor de consignado	R\$ 7.400,00	Branco	Católico	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Nenhum	Regular	1
		Bruno	31	Santana	Ensino médio completo	Auxiliar de mecânica	R\$ 4.600,00	Pardo	Católico	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Nenhum	Regular	0
07/08 às 19h00	Antipetistas independentes – desengajados críticos - Sul	Thiago	35	Porto Alegre	Superior Completo	Cabeleireiro	R\$ 3.500,00	Branca	Sem religião	Branco / Nulo	Branco / Nulo	Nenhum	Regular	1
		Pedro	22	Porto Alegre	Superior incompleto	Músico	R\$ 3.000,00	Preto	Sem religião	Não votei	Não votei	Nenhum / Pouco interessado em política	Ruim	0
		Luis	42	Porto Alegre	Ensino fundamental completo	Técnico de eletrodomésticos	R\$ 4.000,00	Branco	Sem religião	Não votei	Não votei	Nenhum / Não sou interessados	Regular	0

Anexo 04

Questionário Semiestruturado

CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS

1. Gostaria que vocês se apresentassem: nome, onde vocês estão e o que vocês consideram importante sobre vocês para que a gente se conheça.
2. Como vocês se relacionam com a política no cotidiano?
 - a. Vocês sempre fizeram questão de votar?
 - b. Vocês acham que a política é uma dimensão importante da vida de vocês?
3. Vocês têm o hábito de acompanhar notícias sobre política?
 - a. **Em caso afirmativo:** Onde normalmente vocês acompanham notícias sobre política?
4. Vocês acham que a forma como vocês vêem a política mudou com o tempo?
 - a. **Em caso afirmativo:** O que causou essa mudança? Essa mudança foi causada por alguma experiência pessoal, algum governo específico, ou algo que vocês viram nas notícias?
5. Vocês já gostaram ou simpatizaram com algum partido político ou com alguma figura da política?
 - a. **Em caso afirmativo:** Vocês se sentiam representadas por esse partido ou por esse políticos em valores, propostas ou estilo de liderança?
6. Vocês participam, frequentam ou se sentem próximas a algum tipo de organização civil (ONG, movimento social, igreja...)?
 - a. **Em caso afirmativo:** Como vocês acham que sua participação ou proximidade com essa organização de alguma maneira molda a visão de vocês sobre política e partidos?

ANTIPARTIDARISMO

7. Essa é uma pesquisa sobre pessoas que gostam ou rejeitam partidos e movimentos políticos. No questionário que vocês responderam, vocês mencionaram uma opinião crítica em relação especificamente ao PT. Para usar um termo que ouvimos muito, vocês se consideram “antipetistas”?
8. E o que significa, para vocês ser antipetista?
9. Quando vocês dizem que rejeitam o PT, o que mais pesa (ou seja, o que mais incomoda vocês sobre esse partido): as agendas do partido (as ideias que o partido defende), as suas ações no governo, o comportamento de seus líderes ou alguma outra coisa?
10. Na opinião de vocês, o PT é parecido ou diferente dos outros movimentos e partidos? Em que aspectos?
11. Quais atitudes do PT mais marcaram vocês negativamente?
12. Como vocês descreveriam sua relação com o PT ao longo dos anos? Você se lembra de quando começou a ter uma visão crítica sobre o PT? Houve momentos em que vocês se sentiram menos distante do partido?
 - a. Você já votou em algum candidato desse partido alguma vez na vida?
 - b. **Em caso afirmativo:** o que mudou na sua percepção sobre o PT desde que você votou nesse candidato? Houve algum evento ou mudança específica que influenciou sua decisão de não votar mais no partido?

EXPERIMENTO

Pergunta emocional/identitária 1: Agora uma pergunta diferente: se o PT fosse uma pessoa, como vocês o descreveria? Que tipo de jeito, valores ou estilo de vida ele teria?

Pergunta emocional/identitária 2: E se vocês tivessem que imaginar como é uma pessoa antipetista – que tipo de valores, atitudes ou estilo de vida essa pessoa teria?

Pergunta situacional/prática 1: Se você ouvisse na TV que o PT vai lançar um programa para ajudar quem está em situação de pobreza.

- a. O que sentiriam ao ouvir isso?
- b. O que fariam vocês acreditarem que é um programa sério?

FINALIZAÇÃO

13. Há algo mais que vocês gostariam de compartilhar sobre como vocês veem a política no Brasil hoje?

Anexo 05

Lista de códigos para QC Amap

Eixo 01 - Afetos negativos da política

Pergunta: Quais afetos negativos em relação à política, seus atores e instituições emergem nas falas das participantes e dos participantes?

Este eixo buscou identificar e categorizar os afetos negativos expressos pelos participantes em relação à política, seus atores e instituições. A análise considera emoções, julgamentos, críticas e percepções que revelam desconfiança, frustração, rejeição ou insatisfação no campo político.

Codificação	Subcategoria	Critério de inclusão	Critério de exclusão	Indicadores (exemplos)
Corrupção	Desvio de recursos públicos	Associação direta entre política e roubo de dinheiro público	Críticas genéricas à política	“roubaram tudo”, “sumiu o dinheiro”
	Clientelismo / compra de voto	Trocas de favores, compra de votos, promessas	Políticas públicas sem troca explícita	“compra voto”, “promete e não cumpre”
Antipartidarismo/ Antissistema		Rejeição generalizada a partidos e política	Críticas a atores específicos	“todos são iguais”, “política não funciona”
Críticas ao estilo dos políticos		Críticas ao comportamento e postura	Avaliações de políticas ou corrupção	“não tem postura”, “fala besteira”
Críticas ao comportamento dos políticos	Manipulados	Políticos vistos como controlados	Manipulação de eleitores	“é fantoche”, “não manda”
	Manipuladores	Uso estratégico de discurso ou medo	Críticas sem intenção atribuída	“enganam o povo”, “usam a pobreza”
	Ineficientes	Falta de resultados ou capacidade	Críticas morais ou pessoais	“não faz nada”, “não resolve”
Economia e condições materiais	Custo de vida	Aumento de preços, dificuldade cotidiana	Indicadores abstratos	“tudo caro”, “não dá pra viver”
	Macroeconomia	Avaliação geral da economia	Situação pessoal	“economia ruim”, “país não cresce”

	Mercado de trabalho	Desemprego e precarização	Indicadores abstratos	“não tem emprego”, “só bico”
	Estatismo e contas públicas	Crítica ao tamanho/gastos públicos	Impostos específicos	“Estado inchado”
	Tributação	Percepção de impostos elevados	Corrupção	“imposto é roubo”
Instituições políticas	Poder Judiciário	Descrédito na justiça	Críticas a juízes	“justiça não funciona”
	Poder Legislativo	Descrédito no legislativo	Crítica a parlamentares	“o congresso é corrupto”
	Eleições	Desconfiança no processo eleitoral	Compra de votos	“urna manipulada”
Moralidades e costume	Ameaças à infância e ao papel dos pais	Críticas à escola e autoridade familiar	Educação política	“doutrinação”
	Ameaças aos jovens	Universidades como espaços ideológicos	Políticas educacionais	“universidade doutrina”
	Homossexualidade e diversidade sexual	Rejeição à diversidade sexual	Políticas públicas	“não é normal”
	Aborto e defesa da vida	Defesa da vida (moral/religiosa)	Saúde pública	“vida desde a concepção”
	Ameaça aos papéis sociais de gênero	Críticas a mudanças nos papéis sociais	Políticas públicas	“homem não é respeitado”
Mídia e informação	Desconfiança nas mídias tradicionais	Percepção de manipulação midiática	Fake news	“mídia mente”
	Exposição negativa e desgaste informacional	Cansaço com notícias	Desengajamento geral	“só notícia ruim”
	Confusão informacional e perda de referência	Dificuldade de entender política	Fake news direta	“não entendo nada”
	Medo de fake news e desinformação	Medo de desinformação	Crítica à mídia tradicional	“não sei no que acreditar”
Saudosismo político	Passado melhor	Nostalgia política	Economia	“antes era melhor”
Políticas públicas	Segurança	Medo da violência	Moralidade política	“ninguém está seguro”
	Política universitária	Crítica à ação afirmativa	Doutrinação	“não é justo”
	Educação	Crítica à educação	Doutrinação	“não tem investimento”

	Infraestrutura	Crítica às estradas, pontes	Economia	“não se investe em rodovias”
	Previdência	Crítica à aposentadoria	Economia	“os aposentados recebem pouco”
	Lei de incentivo à cultura	Crítica à lei cultural	Economia	“artistas são privilegiados”
	Programas sociais	Custo, uso eleitoral, falhas	Avaliação positiva	“compra voto”, “não chega a quem precisa”
Crítica à atuação do governo na pandemia		Críticas à condução política	Impactos econômicos	“faltou empatia”
Polarização e medo de conflito		Conflitos interpessoais	Desengajamento geral	“família briga”
Cansaço político e desengajamento		Rejeição à política	Antipartidarismo	“cansei de política”
Crise de representação	Desejo por uma terceira via	Rejeição à polarização	Identidade ideológica	“faltou opção”
	Desejo por diversidade política	Falta de representação social	Políticas públicas	“só elite na política”
	Desejo por outras pautas	Política distante do cotidiano	Economia específica	“ninguém fala do que importa”
Politização indevida de instituições sociais		Percepção de captura ideológica	Críticas específicas	“tudo é político hoje”

Eixo 02 - Afetos positivos da política

Pergunta: Quais afetos positivos em relação à política, seus atores e instituições emergem nas falas das participantes e dos participantes?

Este eixo investiga os afetos positivos associados pelos participantes à política, a líderes políticos e a políticas públicas. Busca identificar elogios, expressões de reconhecimento, percepções de eficácia e sentimentos de proximidade ou valorização que emergem de forma menos frequente, mas significativa, no discurso dos grupos focais.

Categoria	Subcategoria	Critério de inclusão	Critério de exclusão	Indicadores
Elogio ao estilo dos políticos		Valorização de líderes diretos, autênticos, próximos do povo	Avaliações morais, corrupção ou desempenho	“fala na cara”, “é do povo”
	Afinidade ideológica	Apoio com base em alinhamento político	Identificação pessoal difusa	“é de direita como eu”

Proximidade com representante			ou políticas específicas	
	Afinidade pessoal	Identificação com valores ou trajetória	Avaliação de políticas ou desempenho	“me identifico com ele”
	Política responsiva	Proximidade, presença e ajuda concreta	Troca de favores ou uso eleitoral	“ajuda a comunidade”
Importância da política	Esperança na política	Política vista como meio de mudança	Elogios a políticas específicas	“tem jeito”, “pode melhorar”
	Importância do voto	Valorização do voto como participação	Descrença ou apatia política	“é importante votar”
Progressão da consciência política		Relatos de aprendizado e maior compreensão política	Nostalgia ou desinformação	“abriu meus olhos”
Políticas públicas	Bolsa Família	Avaliação positiva do programa	Uso eleitoral ou crítica distributiva	“ajuda quem precisa”
	Auxílio Brasil	Reconhecimento de apoio econômico	Crítica a custo ou voto	“foi importante”
	Armamentismo	Valorização do direito à autodefesa	Crítica à violência ou segurança	“direito de se defender”
	Meritocracia e desburocratização	Apoio à redução do Estado e facilitação econômica	Crítica sem avaliação positiva	“facilitou empreender”
Atuação do governo na pandemia (Positivo)		Avaliação positiva da condução (economia/liberdade)	Críticas à gestão ou impactos negativos	“não parou o país”

Eixo 03 - Autoconsciência e autopercepção

Pergunta: Como as participantes e os participantes constroem e expressam sua autopercepção política, moral e social?

Este eixo analisa como as participantes e os participantes constroem e expressam sua autopercepção política, moral e social. O objetivo é identificar formas de autorretrato enquanto cidadãos racionais, trabalhadores, independentes ou alinhados/desalinhados ideologicamente, observando como esses elementos compõem identidades políticas e afetivas no discurso.

Categoria	Subcategoria	Critério de inclusão	Critério de exclusão	Indicadores
Autopercepção de cidadão racionalizado		Autoimagem de racionalidade e autonomia cognitiva	Falas sobre mídia/informação	“penso por mim”, “não sou manipulado”

Autopercepção de cidadão esforçado/trabalhador		Valorização do esforço, mérito e responsabilidade individual	Referência a políticas de auxílio	“eu corro atrás”, “ninguém me deu nada”
Autopercepção ideológica	Liberal	Defesa de Estado mínimo, mercado e liberdade individual	Direita genérica, moral ou políticas específicas	“sou liberal”, “Estado menor”
	Conservador	Valorização de tradição, ordem, família e costumes	Julgamento de terceiros ou políticas específicas	“sou conservador”
	Direita	Identificação genérica com a direita	Definições ideológicas específicas	“sou de direita”
	Bolsonarista	Identificação com Bolsonaro como referência política	Avaliação de governo ou voto instrumental	“sou bolsonarista”
	Centro	Rejeição aos polos, identidade moderada	Cansaço político ou terceira via	“nem direita nem esquerda”
Autopercepção moral		Decisão política baseada em valores e caráter	Julgamento de terceiros ou políticas específicas	“voto por valores”, “caráter importa”
Autopercepção de engajamento afetivo		Reconhecimento de forte envolvimento emocional com a política	Atribuição aos outros ou cansaço político	“respiro política”, “bloqueio quem discorda”

Eixo 04: Percepção do outro (Petista)

Pergunta: Como as participantes e os participantes percebem os que aderem ao PT?

Este eixo examina como as participantes e os participantes percebem os indivíduos que aderem ao PT, votam no partido ou se identificam com ele. A análise busca compreender os atributos morais, cognitivos, comportamentais e socioeconômicos atribuídos aos petistas, mapeando processos de distinção, estereotipação e construção do “outro político” no antipetismo.

Categoria	Critério de inclusão	Critério de exclusão	Indicadores
São desinformados ou manipulados	Petistas vistos como mal informados ou manipulados	Fake news geral ou autoimagem do participante	“só veem um lado”, “são manipulados”
São dependentes ou acomodados	Associação a dependência de benefícios e falta de esforço	Crítica à política pública ou autoimagem de mérito	“vive de benefício”, “não quer trabalhar”

São violentos	Petistas descritos como agressivos ou intolerantes	Conflito político genérico sem lado	“não aceitam opinião”, “são agressivos”
São egoístas ou interesseiros	Motivação atribuída a ganho pessoal/material	Desinformação, dependência ou moral própria	“pensam no próprio bolso”, “ganham com isso”
São desordeiros / moralmente desviantes	Associação à desordem, imoralidade e ruptura de valores	Violência direta ou políticas específicas	“não têm valores”, “é tudo invertido”
São ideologizados ou doutrinados	Vistos como cegos ideologicamente e sem autonomia	Desinformação, interesse material ou autoideologia	“vivem numa bolha”, “foram doutrinados”

Anexo 06**Codificações por conglomerado****Eixo 01 - Afetos negativos da política****Antipetistas partidarizados**

Categoria	Subcategoria	Contagem Absoluta	% do Total	Nº de Documentos	% dos Documentos
Estilo pessoal dos políticos (negativo)		3	0,0	1	33
Polarização e medo do conflito		4	1,0	3	100
Antipartidismo/Antissistema		14	4,0	3	100
Cansaço político e desengajamento		2	0,0	2	66
Atuação do governo na pandemia (negativa)		0	0,0	0	0
Política indevida de instituições sociais		0	0,0	0	0
Saudosismo político		12	3,0	3	100
	PT do passado era melhor	12	3,0	3	100
	Os partidos/representantes eram melhores no passado	0	0,0	0	0
	Reinterpretação positiva do regime militar	0	0,0	0	0
Comportamento dos políticos		44	13,0	3	100
	Manipulados	10	3,0	2	66
	Ineficientes	9	2,0	2	66
	Manipuladores	25	7,0	3	100
Mídia e informação		6	1,0	2	66
	Medo de fake news e desinformação	2	0,0	2	66
	Desconfiança nas mídias tradicionais	4	1,0	1	33
	Exposição negativa e desgaste informacional	0	0,0	0	0
	Confusão informacional e perda de referências	0	0,0	0	0
Políticas públicas		28	8,0	3	100
	Incentivos à cultura	1	0,0	1	33
	Saúde Pública	6	1,0	2	66
	Segurança pública	1	0,0	1	33
	Educação pública	3	0,0	2	66
	Cotas e políticas universitárias	0	0,0	0	0

	Infraestrutura	0	0,0	0	0
	Previdência	0	0,0	0	0
	Programas sociais	17	5,0	3	100
	Não chega a quem precisa	6	1,0	2	66
	Prejudicam os mais pobres	3	0,0	1	33
	São eleitores	2	0,0	2	66
	Custam caro ao contribuinte	2	0,0	1	33
	Acomodam as pessoas	4	1,0	2	66
Economia e condições materiais		24	7,0	2	66
	Custo de vida	9	2,0	1	33
	Política tributária	9	2,0	2	66
	Macroeconomia	1	0,0	1	33
	Mercado de trabalho	3	0,0	2	66
	Estatismo e contas públicas	2	0,0	2	66
Moralidade e costumes		9	2,0	3	100
	Família e papéis de gênero	3	0,0	2	66
	Aborto e defesa da vida	0	0,0	0	0
	Ameaça à infância e ao papel dos pais	0	0,0	0	0
	Rejeição à homossexualidade e diversidade sexual	6	1,0	2	66
	Ameaça aos jovens	0	0,0	0	0
Corrupção		13	4,0	2	66
	Desvio de dinheiro público	10	3,0	2	66
	Clientelismo e compra de votos	3	0,0	2	66
Instituições Políticas		5	1,0	2	66
	Poder Legislativo	0	0,0	0	0
	Poder judiciário	1	0,0	1	33
	Sistema eleitoral	4	1,0	2	66
Crise de representação		0	0,0	0	0
	Desejo por outras corporalidades na política	0	0,0	0	0
	Desejo por outras pautas	0	0,0	0	0
	Desejo por uma “terceira via”	0	0,0	0	0
TOTAL		320			

Antipetistas moralistas

Categoria	Subcategoria	Contagem Absoluta	% do Total	Nº de Documentos	% dos Documentos
Estilo pessoal dos políticos (negativo)		9	2	3	100
Polarização e medo do conflito		10	3	3	100
Antipartidismo/Antissistema		7	2	2	66
Cansaço político e desengajamento		7	2	2	66
Atuação do governo na pandemia (negativa)		4	1	1	33
Politização indevida de instituições sociais		2	0	1	33
Saudosismo político		3	0	2	66
	PT do passado era melhor	3	0	2	66
	Os partidos/representantes eram melhores no passado	0	0	0	0
	Reinterpretação positiva do regime militar	0	0	0	0
Comportamento dos políticos		17	5	3	100
	Manipulados	0	0	0	0
	Ineficientes	3	0	2	66
	Manipuladores	14	4	3	100
Mídia e informação		13	3	3	100
	Medo de fake news e desinformação	1	0	1	33
	Desconfiança nas mídias tradicionais	0	0	0	0
	Exposição negativa e desgaste informacional	4	1	3	100
	Confusão informacional e perda de referências	8	2	2	66
Políticas públicas		35	10	3	100
	Incentivos à cultura	0	0	0	0
	Saúde Pública	3	0	2	66
	Segurança pública	6	1	2	66
	Educação pública	9	2	2	66
	Cotas e políticas universitárias	0	0	0	0
	Infraestrutura	0	0	0	0
	Previdência	0	0	0	0
	Programas sociais	17	5	3	100
	Não chega a quem precisa	9	2	2	66
	Prejudicam os mais pobres	0	0	0	0
	São eleitores	5	1	3	100
	Custam caro ao contribuinte	0	0	0	0

	Acomodam as pessoas	3	0	2	66
Economia e condições materiais		14	4	2	66
	Custo de vida	5	1	2	66
	Política tributária	6	1	2	66
	Macroeconomia	1	0	1	33
	Mercado de trabalho	2	0	1	33
	Estatismo e contas públicas	0	0	0	0
Moralidade e costumes		31	9	3	100
	Família e papéis de gênero	8	2	3	100
	Aborto e defesa da vida	5	1	2	66
	Ameaça à infância e ao papel dos pais	5	1	1	33
	Rejeição à homossexualidade e diversidade sexual	12	3	2	66
	Ameaça aos jovens	1	0	1	33
Corrupção		7	2	3	100
	Desvio de dinheiro público	5	1	3	100
	Clientelismo e compra de votos	2	0	2	66
Instituições Políticas		1	0	1	33
	Poder Legislativo	0	0	0	0
	Poder judiciário	0	0	0	0
	Sistema eleitoral	1	0	1	33
Crise de representação		14	4	2	66
	Desejo por outras corporalidades na política	1	0	1	33
	Desejo por outras pautas	2	0	1	33
	Desejo por uma “terceira via”	11	3	2	66
TOTAL		331			

Antipetistas econômicos

Categoria	Subcategoria	Contagem Absoluta	% do Total	Nº de Documentos	% dos Documentos
Estilo pessoal dos políticos (negativo)		7	1	3	100
Polarização e medo do conflito		12	2	3	100
Antipartidismo/Antissistema		25	5	3	100
Cansaço político e desengajamento		16	3	2	66
Atuação do governo na pandemia (negativa)		1	0	1	33
Politização indevida de instituições sociais		6	1	3	100

Saudosismo político		22	4	3	100
	PT do passado era melhor	9	1	3	100
	Os partidos/representantes eram melhores no passado	11	2	2	66
	Reinterpretação positiva do regime militar	2	0	1	33
Comportamento dos políticos		18	3	3	100
	Manipulados	2	0	1	33
	Ineficientes	5	1	1	33
	Manipuladores	11	2	3	100
Mídia e informação		24	4	3	100
	Medo de fake news e desinformação	10	2	3	100
	Desconfiança nas mídias tradicionais	13	2	3	100
	Exposição negativa e desgaste informacional	1	0	1	33
	Confusão informacional e perda de referências	0	0	0	0
Políticas públicas		44	8	3	100
	Incentivos à cultura	0	0	0	0
	Saúde Pública	1	0	1	33
	Segurança pública	4	0	2	66
	Educação pública	1	0	1	33
	Cotas e políticas universitárias	4	0	1	33
	Infraestrutura	2	0	1	33
	Previdência	3	0	1	33
	Programas sociais	29	5	3	100
	Não chega a quem precisa	2	0	1	33
	Prejudicam os mais pobres	1	0	1	33
	São eleitoreiros	11	2	3	100
	Custam caro ao contribuinte	5	1	2	66
	Acomodam as pessoas	10	2	3	100
Economia e condições materiais		37	7	3	100
	Custo de vida	6	1	3	100
	Política tributária	12	2	3	100
	Macroeconomia	6	1	2	66
	Mercado de trabalho	4	0	2	66
	Estatismo e contas públicas	9	1	3	100
		12	2	3	100

Moralidade e costumes	Família e papéis de gênero	6	1	3	100
	Aborto e defesa da vida	1	0	1	33
	Ameaça à infância e ao papel dos pais	1	0	1	33
	Rejeição à homossexualidade e diversidade sexual	3	0	2	66
	Ameaça aos jovens	1	0	1	33
Corrupção		28	5	3	100
	Desvio de dinheiro público	20	4	3	100
	Clientelismo e compra de votos	8	1	2	66
Instituições Políticas		19	3	2	66
	Poder Legislativo	7	1	2	66
	Poder judiciário	12	2	2	66
	Sistema eleitoral	0	0	0	0
Crise de representação		3	0	1	33
	Desejo por outras corporalidades na política	0	0	0	0
	Desejo por outras pautas	0	0	0	0
	Desejo por uma “terceira via”	3	0	1	33
TOTAL		500			

Desengajados críticos

Categoria	Subcategoria	Contagem Absoluta	% do Total	Nº de Documentos	% dos Documentos
Estilo pessoal dos políticos (negativo)		4	1	2	66
Polarização e medo do conflito		26	10	3	100
Antipartidismo/Antissistema		17	6	3	100
Cansaço político e desengajamento		28	11	3	100
Atuação do governo na pandemia (negativa)		7	2	2	66
Política indevida de instituições sociais		0	0	0	0
Saudosismo político		5	2	2	66
	PT do passado era melhor	5	2	2	66
	Os partidos/representantes eram melhores no passado	0	0	0	0
	Reinterpretação positiva do regime militar	0	0	0	0

Comportamento dos políticos		20	8	3	100
	Manipulados	1	0	1	33
	Ineficientes	5	2	3	100
	Manipuladores	14	5	3	100
Mídia e informação		9	3	3	100
	Medo de fake news e desinformação	1	0	1	33
	Desconfiança nas mídias tradicionais	0	0	0	0
	Exposição negativa e desgaste informacional	2	0	1	33
	Confusão informacional e perda de referências	6	2	3	100
Políticas públicas		15	6	2	66
	Incentivos à cultura	0	0	0	0
	Saúde Pública	2	0	1	33
	Segurança pública	1	0	1	33
	Educação pública	0	0	0	0
	Cotas e políticas universitárias	0	0	0	0
	Infraestrutura	1	0	1	33
	Previdência	0	0	0	0
	Programas sociais	11	4	2	66
	Não chega a quem precisa	5	2	2	66
	Prejudicam os mais pobres	0	0	0	0
	São eleitores	4	1	2	66
	Custam caro ao contribuinte	0	0	0	0
	Acomodam as pessoas	2	0	2	66
Economia e condições materiais		6	2	3	100
	Custo de vida	5	2	3	100
	Política tributária	1	0	1	33
	Macroeconomia	0	0	0	0
	Mercado de trabalho	0	0	0	0
	Estatismo e contas públicas	0	0	0	0
Moralidade e costumes		0	0	0	0
	Família e papéis de gênero	0	0	0	0
	Aborto e defesa da vida	0	0	0	0
	Ameaça à infância e ao papel dos pais	0	0	0	0
	Rejeição à homossexualidade e diversidade sexual	0	0	0	0
	Ameaça aos jovens	0	0	0	0
Corrupção		7	2	1	33

	Desvio de dinheiro público	7	2	1	33
	Clientelismo e compra de votos	0	0	0	0
Instituições Políticas		1	0	1	33
	Poder Legislativo	0	0	0	0
	Poder judiciário	0	0	0	0
	Sistema eleitoral	1	0	1	33
Crise de representação		10	4	2	66
	Desejo por outras corporalidades na política	0	0	0	0
	Desejo por outras pautas	3	1	2	66
	Desejo por uma “terceira via”	7	2	1	33
TOTAL		250			

Eixo 02 - Afetos positivos da política

Antipetistas partidarizados

Categoria	Subcategoria	Contagem Absoluta	% do Total	Nº de Documentos	% dos Documentos
Progressão da consciência política		11	6	3	100
Estilo dos políticos (positivo)		3	1	3	100
Atuação do governo na pandemia (positivo)		1	0	1	33
Importância da política		37	22	3	100
	Esperança na política	12	7	3	100
	Importância do voto	25	15	3	100
Proximidade com representante		32	19	2	66
	Política responsiva	8	4	2	66
	Identificação pessoal	17	10	2	66
	Identificação ideológica	7	4	2	66
Políticas públicas		10	6	3	100
	Elogio ao Auxílio Brasil	4	2	3	100
	Elogio ao Bolsa Família	1	0	1	33
	Elogio ao armamentismo	1	0	1	33
	Meritocracia e desburocratização	4	2	1	33
TOTAL		161			

Antipetistas moralistas

Categoria	Subcategoria	Contagem Absoluta	% do Total	Nº de Documentos	% dos Documentos
Progressão da consciência política		17	12	3	100
Estilo dos políticos (positivo)		2	1	1	33
Atuação do governo na pandemia (positivo)		1	0	1	33
Importância da política		17	12	3	100
	Esperança na política	7	5	2	66
	Importância do voto	10	7	3	100
Proximidade com representante		27	19	3	100
	Política responsiva	2	1	2	66
	Identificação pessoal	14	10	3	100
	Identificação ideológica	11	8	2	66
Políticas públicas		9	6	2	66
	Elogio ao Auxílio Brasil	2	1	1	ç
	Elogio ao Bolsa Família	7	5	2	66
	Elogio ao armamentismo	0	0	0	0
	Meritocracia e desburocratização	0	0	0	0
TOTAL		136			

Antipetistas econômicos

Categoria	Subcategoria	Contagem Absoluta	% do Total	Nº de Documentos	% dos Documentos
Progressão da consciência política		16	8	3	100
Estilo dos políticos (positivo)		11	5	3	100
Atuação do governo na pandemia (positivo)		1	0	1	33
Importância da política		29	15	3	100
	Esperança na política	17	9	3	100
	Importância do voto	12	6	3	100
Proximidade com representante		39	21	3	100
	Política responsiva	13	7	3	100
	Identificação pessoal	5	2	2	66
	Identificação ideológica	21	11	3	100
Políticas públicas		5	2	2	66
	Elogio ao Auxílio Brasil	0	0	0	0
	Elogio ao Bolsa Família	3	1	1	33

	Elogio ao armamentismo	0	0	0	0
	Meritocracia e desburocratização	2	1	1	33
TOTAL		184			

Desengajados críticos

Categoria	Subcategoria	Contagem Absoluta	% do Total	Nº de Documentos	% dos Documentos
Progressão da consciência política		3	7	1	33
Estilo dos políticos (positivo)		0	0	0	0
Atuação do governo na pandemia (positivo)		0	0	0	0
Importância da política		7	17	1	33
	Esperança na política	3	7	1	33
	Importância do voto	4	10	1	33
Proximidade com representante		6	15	3	100
	Política responsiva	4	10	2	66
	Identificação pessoal	0	0	0	0
	Identificação ideológica	2	5	1	33
Políticas públicas		4	10	2	66
	Elogio ao Auxílio Brasil	3	7	2	66
	Elogio ao Bolsa Família	1	2	1	33
	Elogio ao armamentismo	0	0	0	0
	Meritocracia e desburocratização	0	0	0	0
TOTAL		40			

Eixo 03 - Autoconsciência e autopercepção

Antipetistas partidarizados

Categoria	Subcategoria	Contagem Absoluta	% do Total	Nº de Documentos	% dos Documentos
Cidadão racionalizado		29	21	3	100
Autopercepção moral		22	16	3	100
Autopercepção de engajamento afetivo		13	9	3	100
Cidadão esforçado/Trabalhador		2	1	2	66
Autopercepção ideológica		26	19	3	100
	Liberal	4	3	1	33
	Direita	11	8	2	66
	Centro	0	0	0	0
	Bolsonarista	11	8	3	100

	Conservador	0	0	0	0
TOTAL		133			

Antipetista moralista

Categoria	Subcategoria	Contagem Absoluta	% do Total	Nº de Documentos	% dos Documentos
Cidadão racionalizado		3	5	2	66
Autopercepção moral		22	38	3	100
Autopercepção de engajamento afetivo		4	7	3	100
Cidadão esforçado/Trabalhador		2	3	1	33
Autopercepção ideológica		11	19	3	100
	Liberal	0	0	0	0
	Direita	4	7	1	33
	Centro	1	1	1	33
	Bolsonarista	6	10	2	66
	Conservador	0	0	0	0
TOTAL		57			

Antipetista econômico

Categoria	Subcategoria	Contagem Absoluta	% do Total	Nº de Documentos	% dos Documentos
Cidadão racionalizado		34	25	3	100
Autopercepção moral		9	6	2	66
Autopercepção de engajamento afetivo		2	1	2	66
Cidadão esforçado/Trabalhador		3	2	1	33
Autopercepção ideológica		41	30	3	100
	Liberal	13	9	3	100
	Direita	27	19	3	100
	Centro	0	0	0	0
	Bolsonarista	0	0	0	0
	Conservador	1	0	1	33
TOTAL		136			

Desengajado crítico

Categoria	Subcategoria	Contagem Absoluta	% do Total	Nº de Documentos	% dos Documentos
Cidadão racionalizado		2	40	2	66
Autopercepção moral		0	0	0	0
Autopercepção de engajamento afetivo		0	0	0	0
Cidadão esforçado/Trabalhador		0	0	0	0
Autopercepção ideológica		1	20	1	33
	Liberal	0	0	0	0
	Direita	0	0	0	0
	Centro	1	20	1	33
	Bolsonarista	0	0	0	0
	Conservador	0	0	0	0

TOTAL	5			
--------------	----------	--	--	--

Eixo 04 – Percepção do outro (petista)

Antipetistas partidarizados

Categoria	Contagem Absoluta	% do Total	Nº de Documentos	% dos Documentos
São manipulados ou desinformados	3	30	3	100
São egoístas ou interesseiros	2	20	2	66
São dependentes ou acomodados	1	10	1	33
Não aceitam opiniões contrárias / São autoritários	2	20	2	66
São desordeiros / moralmente desviantes	0	0	0	0
São ideologizados ou doutrinados	2	20	2	66
TOTAL	10			

Antipetista moralista

Categoria	Contagem Absoluta	% do Total	Nº de Documentos	% dos Documentos
São manipulados ou desinformados	2	40	2	66
São egoístas ou interesseiros	0	0	0	0
São dependentes ou acomodados	1	20	1	33
Não aceitam opiniões contrárias / São autoritários	0	0	0	0
São desordeiros / moralmente desviantes	1	20	1	33
São ideologizados ou doutrinados	1	20	1	33
TOTAL	5			

Antipetista econômico

Categoria	Contagem Absoluta	% do Total	Nº de Documentos	% dos Documentos
São manipulados ou desinformados	3	25	3	100
São egoístas ou interesseiros	1	8	1	33
São dependentes ou acomodados	3	25	3	100

Não aceitam opiniões contrárias / São autoritários	2	16	2	66
São desordeiros / moralmente desviantes	0	0	0	0
São ideologizados ou doutrinados	3	25	3	100
TOTAL	12			

Desengajado crítico

Categoria	Contagem Absoluta	% do Total	Nº de Documentos	% dos Documentos
São manipulados ou desinformados	1	50	1	33
São egoístas ou interesseiros	0	0	0	0
São dependentes ou acomodados	0	0	0	0
Não aceitam opiniões contrárias / São autoritários	0	0	0	0
São desordeiros / moralmente desviantes	0	0	0	0
São ideologizados ou doutrinados	1	50	1	33
TOTAL	2			

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.